

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO CAMILO**

Curso de Psicologia

Larissa Duo Fernandes Carvalho

**ÓDIO NAS REDES SOCIAIS, ÉTICA E PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO  
CONTEMPORÂNEA.**

**São Paulo**

**2022**

Larissa Duo Fernandes Carvalho

**ÓDIO NAS REDES SOCIAIS, ÉTICA E PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO  
CONTEMPORÂNEA.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Psicologia do Centro Universitário São Camilo, orientado pelo Prof.<sup>o</sup> Dr. Ari Alves de Oliveira Junior, como requisito parcial para obtenção do título de psicólogo.

**São Paulo**

**2022**

**Ficha catalográfica elaborada pelas Bibliotecas São Camilo**

Carvalho, Larissa Duo Fernandes

Ódio nas redes sociais, ética e psicanálise: uma discussão contemporânea / Larissa Duo Fernandes Carvalho. -- São Paulo: Centro Universitário São Camilo, 2022.

74 p.

Orientação de Ari Alves de Oliveira Junior.

Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia (Graduação), Centro Universitário São Camilo, 2022.

1. Ética 2. Ódio 3. Psicanálise 4. Redes sociais I. Oliveira Junior, Ari Alves de II. Centro Universitário São Camilo III. Título

CDD: 150.1952

Larissa Duo Fernandes Carvalho

**ÓDIO NAS REDES SOCIAIS, ÉTICA E PSICANÁLISE: UMA DISCUSSÃO  
CONTEMPORÂNEA.**

**São Paulo, 17 de novembro de 2022**

---

**Professor Orientador (Prof.<sup>o</sup> Dr. Ari Alves de Oliveira Junior)**

---

**Professor Examinador (Prof.<sup>a</sup> Dra. Rosemeire Aparecida do Nascimento)**

*Ao Paulinho.*

*Que me empurrou em direção ao meu próprio abismo,  
fazendo com que ele sorrisse de volta para mim.*

## AGRADECIMENTOS

Ao Ari Alves de Oliveira Junior, meu orientador, por ter sido tão influente naquele incipiente quarto semestre da graduação, lecionando fundamentos filosóficos. Sendo assim, resistindo. Que eu possa seguir, assim como ele, e tantos outros, resistindo.

Aos professores do Centro Universitário São Camilo que fizeram marca ímpar na minha formação: Thais Rades, Mirian Akiko, Márcia Mareuse, Valmari Aranha, Vanda Lúcia do Nascimento, Cynthia Cassoni, Luciano Sewaybricker, Adriana Bosco, Silmara Batistella, Ari Alves e Rosemeire do Nascimento. Que saibamos reconhecer e reverenciar a educação emancipatória, sempre!

A professora Rosemeire Aparecida do Nascimento que desde o primeiro momento de supervisão me provocou de forma indelével, promovendo assim o reconhecimento deste lugar, deveras laciano, do desejo do analista que sempre esteve em mim.

Ao Emiliano Camargo David, que dentro deste novo velho mundo da psicologia e psicanálise, me oferece continência e um lugar familiar para manifestar a minha lou(cura). Sendo ela que me salva todos os dias.

A Camila Vergara, que jamais por acaso nos (re)conhecemos, e muito antes da teoria laciana, me dá aula de ética.

Ao meu primeiro paciente, V. que permitiu que caminhássemos por vias inaugurais do meu coração. Pois a demanda primeira, sempre será de Amor.

A Viviane Setti, que ao meu lado, sem hesitar, desce e muitas vezes me resgata aos pés dos meus mais profundos abismos.

A Araci e Fernando, meus pais, que puderam me dar o maior presente de todos: a falta.

A Thais, minha irmã, que sempre será meu único vínculo com estes que me fizeram faltante, e minha melhor memória.

Ao Gabriel, que é capaz de desejar que eu deseje, sempre me impulsionando, e assim sigamos até que o nosso desejo persista.

*A mim, Larissa, que depois de muito trabalho analítico e coragem, fui capaz de habitar o Eu que sempre morou em Mim...*

*perto do elevador existe um vitrô  
formado por nove vidros opacos e leitosos  
mas desde que eu me mudei pra cá  
um desses vidros está quebrado  
dessa forma o vitrô é formado por oito vidros  
e uma ausência  
sempre que estou saindo ou chegando  
eu vejo o céu por essa ausência  
acho bonito quando uma falta  
revela a imensidão  
hoje notei que consertaram o vitrô  
agora ele está perfeito  
mas não há mais céu*

*Zack Magiezi*

## RESUMO

A internet indiscutivelmente é um dos mais significativos adventos contemporâneos com efeitos profundos no laço social, inaugurando uma nova forma de comunicação que é feita no campo digital, instantânea, sem mediadores, muito embora impulsionada e direcionada ao sabor de demandas e discurso que nem sempre se mostram com clareza. Com ela surgiram as famigeradas redes sociais que atualmente acumulam bilhões de usuários em todo o mundo. As práticas sociais de certa forma desdobraram-se para este campo virtual, adaptando-se a esta nova realidade, apesar de suas consequências não permanecerem somente atrás das telas e em franco anonimato. Este trabalho teve como objetivo estudar o fenômeno contemporâneo do ódio nas redes sociais e suas ressonâncias no laço social. Trata-se de uma revisão narrativa. Tendo em vista a complexidade do tema foram utilizadas as teorias psicanalíticas de Freud e Lacan para compreender e problematizar a questão do ódio na produção de uma reflexão sobre a responsabilização do sujeito frente a modalidades que gera a destruição ao outro, mesmo que através da virtualidade. A partir deste estudo, foi possível compreender a complexidade deste fenômeno, uma vez que o ódio encontra-se entranhado no cerne da constituição do sujeito, sendo estes também sujeitos de seu tempo, ou seja, sua dimensão sócio-histórica faz com que os sujeitos também sejam agentes dos discursos vigentes na contemporaneidade. De tal forma que é inequívoco perceber a dimensão política deste tema que tratamos aqui. Para tal, o reconhecimento do ódio, como inerente ao ser humano, bem como a tendência à alienação faz com que o sujeito mude sua posição no laço social. Este processo implica o questionamento dos discursos e normas hegemônicas que naturalizam a violência e a destruição ao outro. Outrossim, a proposição final deste trabalho é valer-se da psicanálise como ferramenta ética e política que vai de encontro às diversas manifestações de gozo, incluindo aquele associado ao ódio e às suas formas de propagação. De tal forma que o sujeito então seja capaz de se responsabilizar dentro do laço social contemporâneo, ou seja seguindo em direção à ética.

**Palavras-chave:** ética; ódio; psicanálise; redes sociais.

## ABSTRACT

The internet is, undoubtedly, one of the most significant contemporary advents with profound effects on the social bond, inaugurating a new form of communication that is made in the digital field, instant, without mediators, although very much driven and directed to the taste of demands and discourses that are not always clearly shown. Along with it, we had the advent of the famous social networks that currently accumulate billions of users around the world. Social practices, in a way, unfolded into this virtual field, adapting to this new reality, although its consequences are not restricted to behind the screens and in frank anonymity. This body of work had aimed to study the contemporary phenomenon of hatred in social networks and its resonances in the social bond. The methodology regards a narrative review. In view of the complexity of the subject, the psychoanalytic theories of Freud and Lacan were used to understand and problematize the issue of hate in the production of a reflection on the responsibility of the subject in the face of modalities that generate destruction to the other, even if through virtuality. From this study, it was possible to understand the complexity of this phenomenon, since hate is ingrained in the core of the constitution of the subject, being these also subjects of their time, in other words, their socio-historical dimension makes the subjects also agents of current discourses in contemporary times. In such a way that it is unequivocal to perceive the political dimension of this theme that we are dealing with here. To this end, the recognition of hate, as inherent to the human being, as well as the tendency to alienation makes the subject change his position in the social bond. This process implies questioning the hegemonic discourses and norms which naturalize violence and destruction to the other. Furthermore, the final proposition of this work is to make use of psychoanalysis as an ethical and political instrument that meets the various manifestations of enjoyment, including that associated with hate and its specific forms of propagation. In a manner that the subject is then able to take responsibility within the contemporary social bond, that is, moving towards ethics.

**Palavras-chave:** ethics; hate; psychoanalysis; social networking.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2 OBJETIVO.....</b>	<b>14</b>
2.1 OBJETIVO GERAL .....	14
2.2 OBJETIVOS PARCIAIS .....	14
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>14</b>
<b>4 INTERNET E REDES SOCIAIS.....</b>	<b>17</b>
<b>5 DOS REVESES DAS REDES SOCIAIS AO ÓDIO.....</b>	<b>23</b>
<b>6 O ÓDIO.....</b>	<b>27</b>
<b>7 INTOLERÂNCIA, DISCURSO DE ÓDIO E AS REDES ANTI-SOCIAIS .....</b>	<b>32</b>
<b>8 EXTERIORIZAÇÃO DO “HATE” ATRAVÉS DA REDE.....</b>	<b>39</b>
8.1 O ESPETÁCULO DO NARCISISMO, DA HISTERIA, DO ÓDIO – A SOCIEDADE .....	44
8.2 DO GOZO – O CAPITAL. DO ÓDIO – A BANALIDADE.....	54
<b>9 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>62</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>68</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Jamais esquecerei, era sexta-feira, dia 13 de março de 2020, o último dia que pisara no Centro Universitário São Camilo antes da pandemia da Covid-19, uma época que à luz de hoje até parece remota. Neste dia apresentávamos um trabalho sobre *A história da Loucura*, ironia ou não, de modo algum poderíamos naquele momento sequer conceber o que estaria por vir.

Para iniciar este trabalho é preciso falar sobre o motivo da escolha deste tema, e assim como tantos outros trabalhos, também foi sendo modificado durante seu percurso. Antes de pensarmos nas articulações entre a psicanálise e algumas das manifestações do sujeito contemporâneo, no recorte estabelecido: ódio e suas expressões no campo digital, há de se mencionar que a questão central inquietante sempre se tratou da Ética.

Ao nos encontrarmos com o real lancinante da pandemia da Covid-19 e ao pararmos um único segundo e olharmos para além as manifestações digitais, ao que parece é que trata-se de um esgarçamento da dimensão ética do sujeito contemporâneo.

Neste sentido, esta pesquisa tem como objetivo estudar o fenômeno contemporâneo do ódio nas redes sociais e suas ressonâncias à luz da psicanálise. Compreendendo que o ódio é inerente à constituição humana (FREUD, 2010a), embora potencializado nos discursos vigentes (LACAN, 1992a) na cultura e promovendo assim a reflexão: qual tipo de laço está sendo estabelecido na contemporaneidade?

Este trabalho foi dividido em oito capítulos, os três primeiros procedem esta introdução, objetivos e metodologia a ser aplicada. Todavia, para compreender o que trabalho se propõe, os cinco posteriores tratarão de se haver com o tema escolhido. Sendo assim o quarto capítulo tratou de compreender a magnitude da internet, bem como o fenômeno das mídias sociais.

Assim, a internet inegavelmente é um dos grandes adventos da modernidade a mudar o paradigma social. As redes sociais foram rapidamente capazes de capturar milhões de seguidores e mudar a forma de comunicação, bem como os limites do que é considerado privado e público. Atualmente, mais de 5 bilhões de pessoas em todo

mundo utilizam internet, o que significa aproximadamente 63% total da população. Destas pessoas, 4,7 bilhões são usuários de redes sociais, ou seja, para além de estar conectado à internet os usuários majoritariamente também são usuários de redes sociais (DATAREPORTAL, 2022).

No quinto capítulo trataremos de compreender as consequências da utilização das redes sociais que estão muito além de serem somente psíquicas. Apesar das manifestações de ódio ocorrerem neste campo digital, suas ressonâncias atravessarão as telas e se instalarão em seus usuários apesar da distante e incólume virtualidade.

Embora as redes sociais tenham proporcionado diversos benefícios, promovendo proximidade entre pessoas, por exemplo, a sensação imaginária de intimidade cultivada na tentativa de provocar engajamento possui sua face reversa, as telas também são terrenos tão férteis para atos que na realidade seriam considerados perversos. O que ocorre nas redes sociais para que discursos de ódio, a violência e a agressividade se tornem tão cotidianos?

As redes sociais apresentam características que estimulam estes atos, a comunicação horizontal e livre expressão são seus princípios fundamentais. A possibilidade de criar e divulgar conteúdo sem qualquer mediação é fomentada principalmente pela característica do anonimato (CASTELLS, 2003; HAN, 2018).

Relacionar-se através de uma tela acaba por afastar as pessoas. Observa-se um padrão de sociabilidade que é caracterizado pela difusão do individualismo, apesar das pessoas estarem conectadas em rede (CASTELLS, 2003).

Esta tendência preponderante ao individualismo e a elucidação acerca do ódio e agressividade que FREUD (2010a) propõe, tratando-se de algo constitutivo do sujeito, levam à compreensão da radical inclinação ao ódio e a insuportável existência do outro na rede, fomentando assim a destruição à alteridade neste campo digital. O ódio, assim posto será versado então no sexto capítulo deste trabalho.

Ademais, no sétimo capítulo serão abordadas as manifestações de ódio nas redes sociais, debruçando principalmente nos discursos de ódio. De tal forma que no oitavo capítulo uma figura que eclodiu em meio à esta seara é o *Hater*, que na lógica capitalista e egóica ganha ao incitar o ódio nas redes sociais.

Este sujeito munido de discursos odiosos ganha visibilidade, popularidade e influência nas redes, ou melhor, visualizações, likes e seguidores e desta forma inclusive podendo gerar capital para este. Aqui está o mais afinado espetáculo do ódio, cujo reconhecimento passa não pela obra deste indivíduo, mas pela sua capacidade de destruição ao outro.

Este oitavo e último capítulo ainda possui dois subitens que estão dedicados à articulação da teoria psicanalítica as manifestações ocorridas nas redes sociais para além do ódio.

No primeiro subitem deste capítulo a articulação procederá em direção ao narcisismo, mecanismos de projeção e identificação. No segundo subitem tratou-se de estudar o fenômeno à luz do conceito de gozo e do discurso capitalista que atravessa o sujeito contemporâneo, compreendendo que o sujeito é histórico e social, sendo este também agente de seu tempo. Embora exista um endereçamento do fenômeno do ódio ao discurso capitalista, que impulsiona o sujeito ao gozo sem precedente, é preciso refletir sobre a implicação singular do sujeito em seu gozo e seu desejo, minimizando a tendência alienante que é ser um sujeito constituído sob o olhar do Outro (LACAN, 1998a). Há de se mencionar que nos valem também da filosofia e sociologia para compreender estas manifestações, muito embora as articulações sejam majoritariamente em direção à psicanálise de Freud e Lacan.

Nas considerações finais retomaremos os objetivos desta pesquisa e apresentaremos algumas reflexões sobre os impasses e os mal-estares do laço contemporâneo bem como suas ressonâncias que pela limitação tratou-se de observar o ódio nas redes sociais.

Por fim, ao nos valermos da psicanálise para elaborar este trabalho, é pertinente promover a reflexão que estas questões estão para além do sujeito no que concerne seu ser individual e possuem uma dimensão coletiva, de tal forma que a direção da implicação para a mudança será então ético-política.

## 2 OBJETIVO

### 2.1 OBJETIVO GERAL

Este trabalho tem como objetivo estudar o fenômeno contemporâneo do ódio nas redes sociais e suas ressonâncias no laço social.

### 2.2 OBJETIVOS PARCIAIS

- Estudar o fenômeno da internet e sua magnitude no laço social contemporâneo.
- Promover a reflexão acerca do ódio e suas manifestações nas redes sociais como um desdobramento da prática social e compreender sua natureza.
- Analisar o discurso do *hater* à luz dos conceitos da teoria psicanalítica.
- Estudar e investigar os fundamentos e conceitos psicanalíticos que se associam para a compreensão do ódio.
- Refletir sobre o caminho ético e político da psicanálise que vai de encontro aos discursos alienantes contemporâneos.

## 3 METODOLOGIA

A metodologia é uma disciplina cujo objetivo consiste em estudar, compreender e avaliar os métodos científicos disponíveis para a construção do conhecimento científico (PRODANOV; FREITAS, 2013).

O método científico é parte constituinte da ciência, instrumento fundamental para a produção de conhecimento. É o conjunto de técnicas e procedimentos lógicos que serão empregados na investigação científica proposta. O método científico é o caminho adotado que ordena o processo de pesquisa, ele marca com rigor a produção científica e o diferencia das demais áreas do saber (PRODANOV; FREITAS, 2013; SEVERINO, 2013).

O presente trabalho sustenta o método científico teórico de revisão narrativa, que se trata de uma revisão de literatura não sistematizada. Este tipo de revisão de literatura não prevê critérios a serem preenchidos para busca e avaliação de referências, configurando assim uma análise da literatura focada em apreender sobre um assunto específico, sob um ponto de vista teórico e contextual, partindo da interpretação e análise crítica do pesquisador (BERNARDO; NOBRE; JATENE, 2004; BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011).

A proposta da pesquisa é uma reflexão acerca do fenômeno contemporâneo estudado se valendo da psicanálise para a articulação e fundamentação teórica. A busca por literatura relevante que envolva o tema se dará nas plataformas on-line de conteúdo científico, Scielo e Google Acadêmico, livros, relatórios governamentais, produção de mídia televisiva, teses e dissertações e outros tipos de produções que sustentem o objetivo da pesquisa (UNESP, 2015).

Será também utilizado na pesquisa a transcrição de uma entrevista integrante de uma reportagem apresentada em 05 de setembro de 2021 no programa televisivo Fantástico, produzido pela Rede Globo de televisão com o intuito de fazer a análise do discurso exibido em rede nacional.

A análise de discurso e a análise de conteúdo são técnicas da análise qualitativa, cujo intuito é buscar explicações, nos discursos e documentos, visando a interpretação de fenômenos e a atribuição de significados (PRODANOV; FREITAS, 2013). Ambas as técnicas serão utilizadas nesta pesquisa com a intenção de estabelecer uma conexão e posterior reflexão acerca do ódio nas redes sociais utilizando-se da teoria psicanalítica.

A análise de discurso da linha francesa trabalha com o sentido e não com o conteúdo expresso no texto, há algo para além da linguagem que evidencia o contexto sócio-histórico, bem como o posicionamento do sujeito que profere o discurso, ou seja, sua ideologia (BRASIL, 2013; CAREGNATO; MUTTI, 2006). De acordo com esses autores, a análise de conteúdo por sua vez trabalha com o conteúdo evidente e ocupa-se de compreender o pensamento do sujeito através da interpretação do conteúdo expresso, utilizando-se da materialidade da linguagem, sem buscar fazer relações para além do texto.

De acordo com Brasil (2013) e Moura (2016) a análise do discurso coloca o sujeito do inconsciente no centro da discussão, atravessado pela linguagem e ideologia. Para a análise do discurso, o sujeito é o resultante entre história e da ideologia, dessa forma todo discurso possui carga social-histórica, ou seja, está permeado por representações individuais acerca de si, bem como do assunto abordado. Para esta autora existe uma tríade inseparável para a constituição do discurso, língua, sujeito e história.

Sendo assim, o discurso está para além da organização sintática das palavras em forma de frases, há sempre um sentido a ser interpretado que carregam a história e ideologia do sujeito, sujeito esse o do inconsciente (BRASIL, 2013; MOURA, 2016).

Para Moura (2016) se apropriar dos conceitos da análise do discurso é primordial para a compreensão dos discursos de ódio, uma vez que será possível apreender qual a ideologia que está fundamentando a formação da intolerância e como as redes sociais podem contribuir para a criação e propagação de tais discursos. Para este autor o resultado esperado da análise do discurso é a compreensão da ideologia que sustenta o discurso proferido.

Apesar do termo ideologia ter se originado no século XVIII difundido por filósofos franceses conhecidos por ideólogos, o termo foi popularizado por Marx (1846) na filosofia, ciências humanas e sociais designando o termo como um processo de racionalização dos interesses de uma classe ou grupo dominante (JAPIASSÚ; MARCONDES, 2001).

#### 4 INTERNET E REDES SOCIAIS

O estudo das redes sociais não é algo novo, a palavra “rede” é originária do latim “retis” e significa um entrelaçamento de fios formando um tecido. Atualmente, as palavras “redes sociais” servem para designar grandes plataformas de interação social como Instagram, Facebook, Twitter etc. Todavia, no que tange a terminologia a palavra, redes sociais são novas visões da sociedade, política, internet em um mundo globalizado, ou seja, tudo o que possui o padrão de rede. Já as mídias sociais são ferramentas, somente virtuais, de prestação de serviços ou de formação de relacionamentos, isto é, as plataformas supracitadas (CARPIM, 2014).

No ano de 2017, mais de 50% dos brasileiros utilizavam internet, somando mais de 120 milhões de usuários, ficando em quarto lugar, atrás dos EUA, com 242 milhões, da Índia, com 333 milhões, e da China, com 705 milhões (ONU, 2017).

Cinco anos mais tarde, de acordo com a pesquisa promovida pelo Comitê Gestor da Internet do Brasil (CGI.br) e realizada pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br) durante os meses de outubro de 2020 a maio de 2021, o Brasil possui 152 milhões de usuários de Internet, o que corresponde a 81% da população do país com 10 anos ou mais. Pela primeira vez, a pesquisa identificou uma proporção maior de domicílios com acesso à rede (83%) em comparação à indivíduos usuários (81%). Há de se considerar que parte deste crescimento foi devido a Pandemia da Covid-19, em função da migração das atividades presenciais para o ambiente digital (COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASI, 2021).

O último relatório digital Statshot Global, realizado em julho de 2022 apresentou que atualmente existem mais de 4,70 bilhões de usuários de redes sociais em todo o mundo, equivalente a aproximadamente 59% da população global. Este número representa um crescimento de 5% ano contra ano, ou seja, 227 milhões de usuários foram conectados somente nos últimos 12 meses. Nesta publicação foi revelado que mais de 5 bilhões de pessoas em todo o mundo utilizam a internet, o que significa que aproximadamente 63% da população total do mundo está “on-line” (DATAREPORTAL, 2022).

Os avanços tecnológicos ocorridos na metade do século XX revolucionaram a tecnologia de informação promovendo a criação da comunicação virtual. As redes sociais promoveram a conexão e aproximação de milhares de pessoas concebendo assim um novo tipo de laço social. Há de se pensar que este novo laço prescinde da presença do outro e beneficia o anonimato (RINALDI, 2018).

As comunidades virtuais, termo popularizado por Howard Rheingold, foram criadas pelos primeiros usuários das redes de computadores. Essas comunidades nasceram na década de 1970 em São Francisco, cujos experimentos iniciais tinham o intuito de desenvolver a comunicação entre computadores (CASTELLS, 2003).

Apesar da cultura ser uma construção coletiva que subjuga preferências individuais ela também influencia as experiências particulares das pessoas, o mesmo movimento ocorre na cultura da internet (CASTELLS, 2003). A internet é uma produção social que é estruturada culturalmente, seus criadores também foram seus primeiros usuários. Para este autor, existe uma capacidade de formação autônoma das redes, isto é a possibilidade de qualquer pessoa criar e divulgar qualquer informação, sendo um valor compartilhado que surge nas comunidades virtuais.

Moura (2016) destaca a pesquisa realizada por Recuero (2012) em que a autora explica que as redes sociais são apropriadas pelo social, e estes atores conferem sentido e as adaptam para suas práticas sociais. Desta forma, o discurso de ódio é então uma prática social.

Há de se considerar que a internet promoveu uma simetria da comunicação, uma vez que a direção da informação não é mais unilateral e que não há mais mediadores, os consumidores de conteúdo não são somente receptores passivos de informação, mas são produtores ativos de conteúdo (HAN, 2018).

A publicação autônoma, a auto-organização e auto publicação, bem como a formação autônoma de redes constitui um padrão de comportamentos que permeia a Internet e se difunde a partir dela para todo o domínio social. Assim, embora extremamente diversa em seu conteúdo, a fonte comunitária da Internet caracteriza de fato como um meio tecnológico para a comunicação horizontal e uma nova forma de livre expressão. Assenta também as bases para a formação de redes

como instrumento de organização, ação coletiva e construção de significado (CASTELLS, 2003, p. 59 - 60).

As mídias digitais se caracterizam pela ausência de mediadores. A comunicação horizontal e livre é um dos valores fundamentais para a prática das comunidades que sintetiza a livre expressão global (CASTELLS, 2003; HAN, 2018).

Rinaldi (2018) expõe que a universalização promovida pela tecnologia e ciência, conjuga-se à economia capitalista globalizada, sob a égide da lógica de mercado. Desta forma não é ao acaso que a universalização virtual acompanhe a universalização de mercado.

Para Castells (2003) a internet foi apropriada pela prática social em toda sua diversidade apesar de seus efeitos específicos sobre a própria prática. As redes sociais são espaços de socialização, certas violações de direitos humanos acontecerão neste espaço, entretanto de forma tecnológica. As redes sociais promoveram a transferência das inúmeras maneiras de interação da vida *off-line* para a vida *on-line*. Apesar da representação de papéis ser válida, não representa uma proporção significativa das interações na internet, ou seja, as interações *on-line* coadunam com a vida do usuário *off-line* (BRANDÃO, 2020; CASTELLS, 2003).

É crescente a diversidade dos padrões de sociabilidade nas sociedades e que há uma tendência dominante ao individualismo, sob todas suas manifestações, e que a Internet tem papel fundamental na estruturação dessas relações sociais baseadas no individualismo (CASTELLS, 2003).

Em seu livro, *No exame: perspectivas do digital*, Han (2018) faz uma importante distinção do conceito de massa, que pressupõe uma alma, que é um movimento unificante, o que diverge diametralmente do “exame digital”, neste os indivíduos que se unem não formam um *nós*, são indivíduos singularizados atrás de suas telas.

Cada vez mais as pessoas se relacionam mediadas por uma tela, “[...] o novo padrão de sociabilidade em nossas sociedades é caracterizado pelo individualismo em rede [...]” diz (CASTELLS, 2003, p. 133) Contudo este autor explica que não é a Internet que cria um padrão de individualismo, mas sua criação e desenvolvimento promove a difusão do individualismo em rede como forma preponderante de sociabilidade.

Ademais, a desconstrução da distância entre o que é privado e o público faz com que estas duas dimensões se misturem, promovendo a exposição massiva da intimidade e da esfera privada (HAN, 2018). Barthes (1985) citado por Han (2018, p. 13) designa que a esfera privada “[...] é aquela esfera de espaço, de tempo, onde eu não sou uma imagem, um objeto [...]”, todavia Han (2018) reflete que atualmente não existe qualquer esfera privada, ou seja, não há esfera em que a pessoa não possa se tornar uma imagem, uma vez que não há lugar onde não há câmeras.

Há de se propor uma reflexão e articulação com o sistema panóptico proposto por Michel Foucault (1987), apresentado em seu livro *Vigiar e Punir: nascimento da prisão* cujo tema central são as instituições disciplinares da sociedade moderna. Nele, o autor cria o conceito de panoptismo apropriando-se da figura arquitetônica prisional de Jeremy Bentham.

Na famosa jaula transparente e circular, com sua torre alta, potente e sábia, será talvez o caso para Bentham de projetar uma instituição disciplinar perfeita; mas também importa mostrar como se pode “destrancar” as disciplinas e fazê-las funcionar de maneira difusa, múltipla, polivalente no corpo social inteiro. Essas disciplinas que a era clássica elabora em locais precisos e relativamente fechados — casernas, colégios, grandes oficinas — e cuja utilização global só fora imaginada na escala limitada e provisória de uma cidade em estado de peste, Bentham sonha fazer delas uma rede de dispositivos que estariam em toda parte e sempre alertas, percorrendo a sociedade sem lacuna nem interrupção. O arranjo panóptico dá a fórmula dessa generalização. Ele programa, ao nível de um mecanismo elementar e facilmente transferível, o funcionamento de base de uma sociedade toda atravessada e penetrada por mecanismos disciplinares (FOUCAULT, 1987, p. 232).

Não parece exagero transpor o panoptismo o foucaultiano para a internet, principalmente no que tange as redes sociais. Este sistema descentraliza o poder, qualquer um pode exercer a função de vigiar e conseqüentemente a de punir (FOUCAULT, 1987).

Foucault (1987) explica que o sistema panóptico quebra díade de ver e ser visto, nas redes sociais esta quebra também sucede, o anonimato promove que o

sujeito possa ver, sem nunca ser visto, e ao concordar com os termos de privacidade da rede faz com que o sujeito seja totalmente visto, sem nunca ver.

Apesar da descentralização do poder, uma assimetria entre o sistema panóptico de Bentham para o panoptismo das redes sociais é que este segundo é *aperspectivístico*, o que significa que há uma essencial diferença entre o centro e a periferia, o indivíduo não é mais vigiado por um centro soberano, mas por todos, de todos os lados, assim, há uma democratização da supervisão. No panoptismo aperspectivístico cria-se uma ilusória sensação de liberdade e que os indivíduos pertencentes das redes colaboram ativamente, expondo-se ao mercado panóptico (HAN, 2017).

A rigor, esta especificidade do panoptismo aperspectivístico é o que faz dele infalível, de tal forma que o sujeito não expõe por uma coação externa, mas a partir de uma necessidade criada internamente. Esta auto exploração é muito mais eficiente do que explorar o outro, pois está ligada àquela sensação de liberdade. “O presidiário do panóptico digital é ao mesmo tempo o agressor e a vítima, e nisso é que reside a dialética da liberdade, que se apresenta como controle” (HAN, 2017, p. 116).

Han (2018) defende que a anonimato que as mídias sociais propiciam a destruição do respeito, uma vez que o respeito está ligado nominalmente ao sujeito. Adicionalmente o respeito pressupõe certo distanciamento acerca do que é público e privado, o que não ocorre nas mídias sociais.

Devido ao anonimato e dado alcance que as mensagens circulam nas redes, os crimes que ocorriam de forma *off-line* foram transferidos para a vida *on-line* (BRANDÃO, 2020). O contrário também é verdadeiro, há pessoas que não agrediriam outrem frontalmente, todavia a proteção que o anonimato proporciona pode fazer com que atos como o cyberbullying sejam considerados aceitáveis, uma vez que são virtuais e que provavelmente passarão incólumes (WILLARD, 2007 apud FERNANDES, 2013, p. 5).

Para Moura (2016) o anonimato alicerçado na sensação de impunidade que as redes sociais proporcionam acaba por fomentar os discursos de ódio. Ademais, a individualidade observada nas redes também estimula tal discurso e estimula a intolerância.

O cyberbullying é considerado uma extensão do bullying no que concerne à comportamentos agressivos de provocação, ameaça e agressão realizados nas redes sociais (GARCIA, 2016). De acordo com a pesquisa realizada por Ferreira e Deslandes (2018) não há um consenso sobre a conceitualização do cyberbullying, entretanto é relevante observar as suas peculiaridades em relação ao bullying. O cyberbullying ocorre em algum tempo e espaço que não é marcado fisicamente, a violência ocorrida no cyberspaço pode ser perpetuada e ser disseminada globalmente e que pode durar *ad aeternum* (FERREIRA; DESLANDES, 2018).

## 5 DOS REVESES DAS REDES SOCIAIS AO ÓDIO

O advento da internet, a criação dos computadores, celulares e mais recentemente dos smartphones, promoveram diversos benefícios. Todavia, apesar de facilitarem a comunicação e aproximarem as pessoas, o uso inadequado pode causar prejuízos físicos e psíquicos, alterações nos hábitos, costumes, emoções, comportamentos, e principalmente no que tange as próprias relações pessoais e sociais dos sujeitos (PICON et al., 2015; TEIXEIRA et al., 2019).

Os sujeitos que são considerados dependente dessas tecnologias, são nomeados como Nomofóbicos, devido ao excessivo uso das tecnologias digitais, estando então associados a outros transtornos, principalmente no que se refere a depressão e ansiedade (PICON et al., 2015; TEIXEIRA et al., 2019).

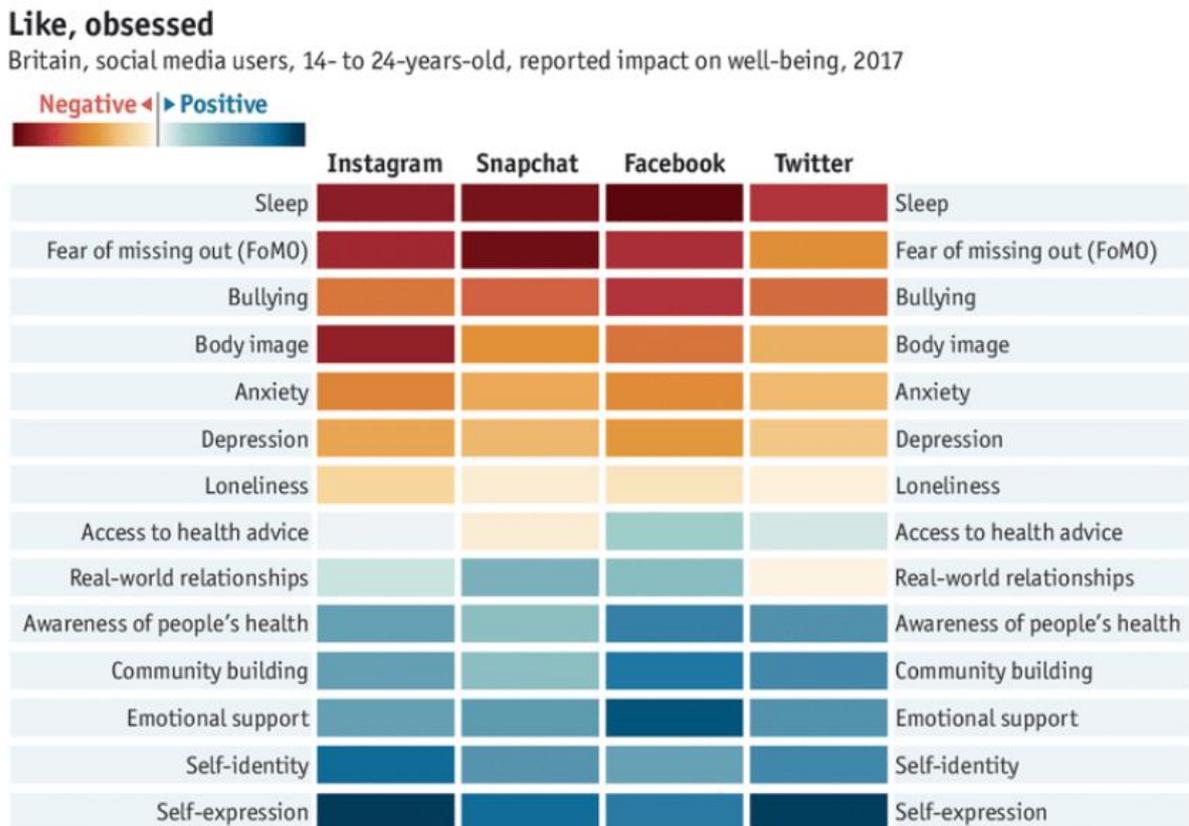
O termo nomofobia deriva de uma expressão em inglês “*no mobile phobia*”, refere-se a ansiedade, desconforto ou até mesmo irritabilidade ao estar sem o celular. Os sintomas assemelham-se a outras dependências, pode até ser considerado dentro da estrutura de dependências comportamentais não substanciais. A dependência do celular e ou computador, é semelhante ao consumo de substância, uma vez que produz uma recompensa a curto prazo, e reduzindo o controle do sujeito sobre o comportamento de utilização indiscriminado da tecnologia (BIANCHESSI, 2020; PICON et al., 2015).

No Brasil, a média de horas de utilização da internet por pessoas entre 16 e 64 anos por dia é de 09h42m, ficando atrás somente das Filipinas e África do Sul. E a média diária de utilização de redes sociais é de 03h49m, neste caso perdendo somente para Filipinas. Ou seja aproximadamente 37% do tempo gasto na internet é destinado a utilização de redes sociais (DATAREPORTAL, 2022).

Ao constatar que cerca de 40% do dia o brasileiro médio passa em uma realidade que é estritamente virtual é importante que pensemos no sujeito contemporâneo que está sendo produzido neste século e as consequências destas mudanças. Para além da constituição de uma rede de amigos, as mídias sociais instauram uma forma específica de se relacionar. A comunicação de emoções, sentimentos, opiniões, e o cotidiano em geral agora é feita por meio de frases curtas, fotos, emoticons etc. (LINO; SARTI, 2019; LÓSS et al., 2019).

De acordo com a pesquisa realizada pela Royal Society for Public Health, jovens britânicos entre 14 e 24 anos acreditam que redes sociais como Instagram, Snapchat, Facebook e Twitter têm efeitos prejudiciais no bem-estar. A pesquisa divulgou que apesar dos participantes relatarem que as redes sociais são ambientes favoráveis para a construção de comunidade e autoexpressão, também foi evidenciado as consequências negativas da utilização. Aumento da depressão e ansiedade, privação de sono, exposição ao cyberbullying, preocupações relacionadas à imagem corporal e “FOMO” (sigla em inglês para “Fear of missing out”, que por sua vez significa “medo de perder”). Este medo de perder está ligado às redes sociais que possuem um tipo de visualização de conteúdo que expiram em algumas horas, como o Instagram na modalidade stories, cujo conteúdo expira em 24hrs (THE ECONOMIST, 2018).

**Figura 1 – Efeitos das redes sociais em jovens britânicos entre 14 e 24 anos, realizada no ano de 2017**



Source: Royal Society for Public Health

Fonte: (THE ECONOMIST, 2018)

De acordo com Trindade (2018) a geração Z nunca conheceu um mundo sem Internet, e apesar dos ganhos oriundos da tecnologia, nunca foi observado uma

geração tão suscetível à ansiedade, depressão e suicídio. As redes sociais causam ansiedade porque as pessoas expõem suas vidas de uma forma muito melhor do que elas realmente são, esta ansiedade é evidenciada inclusive pela quantidade de *likes* e ou número de seguidores que as pessoas têm em suas redes sociais.

Conforme pesquisa de Souza e Cunha (2019) os principais riscos apontados pelo uso excessivo das redes sociais são o cyberbullying e a depressão. Embora os riscos observados variaram entre:

taquicardia, alterações na respiração, tendinites e mudanças posturais (que são mais facilmente detectados), qualidade das relações familiares prejudicada, Cybersickness (náusea digital), vulnerabilidade afetiva, distúrbios alimentares, sedentarismo e obesidade, síndrome do toque fantasma (sensação de que o celular está tocando, sem que ele realmente esteja), narcisismo (preocupação completa com a própria imagem), distúrbios de personalidade, mudanças na autoestima, distúrbios de concentração/acadêmicos, transtornos de ansiedade, fobia e isolamento social, dependências e vícios, crimes virtuais, grooming (assédio ou abuso sexual via mídias sociais de internet), distúrbios do sono, cyberbullying e selfie-cyberbullying, e por fim, depressão e suicídio (SOUZA; CUNHA, 2019, p. 213).

De acordo com Lira *et al.* (2017) o uso das redes sociais reforça o narcisismo e os padrões de beleza vigentes na sociedade, bem como exacerba a insatisfação com a imagem corporal. O que foi observado em sua pesquisa que há um índice de cerca de 80% de insatisfação corporal entre meninas adolescentes, independente da classe social e escolaridade materna, e com maior frequência em casos de sobrepeso ou obesidade.

Ainda sobre a pesquisa é significativo mencionar que as participantes tinham entre 10 e 18 anos, e de fato, esta geração nasceu na era digital. De tal forma que a busca de respostas na mídia respostas para questões cotidianas e descontentamentos ocorram de forma habitual. “Se imagens de corpos “perfeitos” são veiculados e essas pessoas as veem repetidamente, começam a acreditar que é uma versão da realidade, e não alcançar tal ideal é motivo de frustração e insatisfação” (LIRA *et al.*, 2017, p. 169).

No que concerne as consequências acerca dos discursos de ódio e ou cyberbullying, Willard (2007) citado por (FERNANDES, 2013, p. 6) defende que as consequências do cyberbullying podem ser muito mais graves que a do tradicional bullying devido às características das redes. O anonimato, a facilidade de difusão do conteúdo, bem como a permanência vitalícia dos conteúdos negativos na internet e o fato do cyberbullying ser pouco notado pelos adultos.

Macedo (2018) considera que não está descartada a possibilidade de as violências cometidas nas redes sociais migrarem para a realidade, seja por meio de um linchamento físico por exemplo, uma vez que a vítima virtual pode ser encontrada e reconhecida, seja por meio do suicídio.

Isso mostra que não há fronteira fixa entre o que ocorre dentro ou fora do ciberespaço: os perfis das mídias sociais, excluindo-se os fakes, não são personagens ou avatares: são seres humanos com família, vida social, trabalho etc. Parece-nos que os linchadores virtuais não têm a empatia necessária para analisar as consequências que suas vítimas podem ter. Pelo contrário, usam as mídias sociais para arruinar a vida do outro – às vezes por meio de inverdades (fake news ou remixing) - para conseguir punições mais rápidas e mais severas – e normalmente conseguem. (MACEDO, 2018, p. 206).

Outrossim, Moura (2016) explica que quando um sujeito cria um conteúdo incitando o ódio, ou reproduz um discurso de ódio ele irá provocar a propagação do conteúdo de forma abstrata e difusa de intolerância, contudo o dano causado é real e não virtual.

Apesar de compreender que as redes sociais promoveram certos efeitos positivos no que tange a aproximação das pessoas, este trabalho concentra-se nas implicações negativas da utilização das redes, no que compete principalmente ao ódio e suas indiscriminadas manifestações virtuais. Nos capítulos posteriores serão tratadas estas questões, desde o ódio enquanto constituinte do sujeito até seu enlaçamento aos discursos manifestos na atualidade.

## 6 O ÓDIO

Neste trabalho trataremos de refletir acerca dos discursos de ódio nas redes sociais como fenômeno relevante da contemporaneidade, entretanto o ódio não é um fenômeno atual, ele está nos primórdios de nossa constituição subjetiva, isto posto, é inerente nas relações humanas.

De acordo com o dicionário Michaelis (2015) o significado da palavra ódio trata-se de “aversão ou repugnância que se sente por alguém ou por alguma coisa”, “antipatia”, “desprezo”, “rancor”.

Desde seus primórdios, Freud (2016a) já propunha que a cólera, sejam atos ou falas tinham a função de diminuir a excitação aumentada no aparelho cerebral.

Ao pensar em ódio, inequivocamente somos levados a pensar no amor e na ambivalência entre amor e ódio, embora este pensamento dentro do senso comum seja inevitável, “[...] a aparente mutação do amor em ódio é apenas uma ilusão, o ódio não é um amor negativo, tem a sua gênese própria [...]” (LAPLANCHE; PPONTALIS, 2016, p. 12).

Assim, em seu trabalho: *Os instintos e seus destinos* é que Freud (2010a) vai propor uma metapsicologia da agressividade. Para tanto, ele vai indicar que o amar admite não uma única, mas três oposições, são estas: amor-ódio/indiferença, amor e ódio e amar e ser amado, sendo todas conjuntamente opostas à indiferença. O autor ainda vai propor um paralelo com outros três paradoxos, estes que governam a vida psíquica o sujeito: sujeito - objeto, prazer - desprazer e ativo - passivo. Para o que nos interessa estudar neste momento, não nos ateremos nas antíteses de amar e ser amado, ou seja em ativo-passivo.

Desta forma, seguindo o que Freud (2010a) propôs, a antítese: sujeito - objeto, transcrita inicialmente em amor - indiferença é manifestada bem precocemente ao sujeito, uma vez que nos primórdios da situação psíquica, o sujeito é incapaz de compreender a alteridade. Neste momento, o Eu ama apenas a si, sendo completamente indiferente ao mundo externo, apesar de receber dele objetos, nesta fase preliminar o amor mal distingue-se do ódio. Em seguida, é esperada uma mudança do Eu em relação à realidade, espera-se uma incipiente diferenciação do eu - objeto, ou seja, o que é interior em oposição ao que é exterior.

Assim, o mundo externo que a partir de então não é mais tão indiferente ao sujeito, divide-se em parte prazer e parte desprazer, sendo que a parte prazerosa lhe foi introjetada, e outra parte que lhe é estranho, segregada. Neste sentido, abrindo caminho para a segunda antítese prazer - desprazer, desta forma, o Eu foi transformado em prazer e o mundo externo, que primordialmente era indiferença, agora é identificado na equação como desprazer, dentro da relação proposta: ódio. Portanto, enquanto relação com o objeto, o ódio antecede o amor, que por sua vez descende da indiferença (FREUD, 2010a)

O amor e o ódio, que nos apresentam como total oposição material, não se acham, portanto, numa relação simples com o outro. Não nasceram da cisão de algo primordialmente comum, mas têm origens diversas e perfizeram cada qual uma evolução própria, antes de formar um par de opostos, sob influência da relação prazer-desprazer (FREUD, 2010a, p. 78)

Com efeito, Laplanche e Pontalis afirmam que “[...] os verdadeiros protótipos do ódio não provêm da vida sexual, mas da luta do ego pela sua conservação e afirmação [...]” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 12).

A rigor, Freud atravessou um longo caminho tangenciando a problemática da agressividade, seja ela no âmbito individual ou no contexto das massas, que culminou na fundação do conceito de “pulsão de morte” (FREUD, 2010b). Apesar desta temática ficar em evidência após esta conceituação, a agressividade sempre se apresentou ora via pulsão-sexual, ora, principalmente, via pulsão do eu (BIRMAN, 2006).

Logo, se o caminho do indivíduo em direção à sua constituição subjetiva enquanto um sujeito se dá através do ódio, como Freud (2010a) defende, uma vez que este é precursor do amor, pode significar que o ódio antes de tudo está intimamente ligado ao narcisismo, sendo por sua vez constituído no bojo das relações objetais do sujeito.

Ainda vale ressaltar que com o desenvolvimento da complexa teoria metapsicológica proposta por Freud, ficou evidente que a agressividade não se restringe somente às relações com o objeto, é possível verificar sua implacável atuação voltada ao próprio eu, nas relações entre eu e o supereu (FREUD, 2011a).

A agressividade é vivenciada pelo sujeito de diversas formas: masoquismo e auto destrutividade, sadismo e destrutividade e ainda nas relações entre as diferentes instâncias psíquicas (BIRMAN, 2006).

Em *O problema econômico do masoquismo*, Freud (2011b) vai investigar o sadismo e o masoquismo à luz da agressividade, para tanto vai fundamentar a hipótese que o masoquismo é anterior ao sadismo na constituição do sujeito. O que o autor postula é que há uma tendência ao retorno ao estado inorgânico oriundo da pulsão de morte em que esta pulsão volta-se ao próprio organismo, considerando assim o masoquismo originário. Todavia, para conservar que este sujeito sobreviva, a pulsão de morte em conjunto com a libido, se exterioriza, assim sendo o sadismo.

No que concerne o supereu, este que se apresentará como mediador da pulsão de morte, tanto na figura do tirano que se voltará contra o próprio eu, bem como um supereu proibidor, ligado à herança deixada pelo complexo de Édipo, relacionada às formações culturais (GUILLOT, 2014).

Ainda, em “O mal-estar na civilização” Freud nos apresenta muito provavelmente o ápice de seu axiomático pessimismo em relação ao homem e sua relação com a pulsão de morte, tomando o que ele citou como “tendência à agressão”, em que difere das anteriores articulações da agressividade com as pulsões de conservação do eu (FREUD, 2010c, p. 77).

O quê de realidade por trás disso, que as pessoas gostam de negar, é que o ser humano não é uma criatura branda, ávida de amor, que no máximo pode defender, quando atacado, mas sim que ele deve incluir, entre seus dotes instintuais, também um forte quinhão de agressividade. Em consequência disso, para ele o próximo não constitui apenas um possível colaborador e objeto sexual, mas também uma tentação para satisfazer a tendência à agressão, para explorar seu trabalho sem recompensá-lo, para dele se utilizar sexualmente contra a sua vontade, para usurpar seu patrimônio, para humilhá-lo, para infligir-lhe dor, para torturá-lo e matá-lo. Homo homini lúpus [O homem é o lobo do próprio homem]; quem, depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase? Via de regra, essa cruel agressividade aguarda uma provocação, ou se coloca a serviço de um propósito diferente, que

poderia ser atingido por meios mais suaves. Em circunstâncias favoráveis, quando as forças psíquicas que normalmente a inibem estão ausentes, ela se expressa também de modo espontâneo, e revela o ser humano como uma besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie (FREUD, 2010c, p. 76-77).

Fromm (1975), importante filósofo e psicanalista do século XX, vai se debruçar no tema da destrutividade humana e conceituar “agressão” basicamente como atos que causem ou tenham intenção de causar lesão a outro, todavia faz uma distinção elementar em seu trabalho, dividindo os impulsos que estão sob a égide da agressão em: benignos e malignos.

A agressão benigna, que para o autor também nomeada como agressão biologicamente adaptativa, trata-se de uma reação às ameaças vitais do sujeito. A agressão benigna é reativa e defensiva, é filogeneticamente programada e é comum ao ser humano e aos animais (FROMM, 1975).

No que concerne esta pesquisa, por certo compreender a agressão maligna proposta por Fromm (1975) trará luz ao que estamos tratando por ódio e agressividade. Também concebida como agressão biologicamente não adaptativa, maligna, ou seja, a destrutividade e a crueldade não estão relacionadas à defesa de ameaças ou tampouco à conservação da espécie. Desta forma, não é filogeneticamente programada e é uma característica apenas do homem, não encontrado em animais.

As principais manifestações da agressividade maligna é o ato de matar e a crueldade. Para o autor, tais manifestações são prazerosas sem a necessidade de quaisquer objetivos, e são danosas tanto para a pessoa atacada, como para a pessoa que ativamente ataca. “A agressão maligna, embora não seja um instinto, é um potencial humano enraizado nas próprias condições da existência humana” (FROMM, 1975, p. 254).

Esta distinção parece valiosa para que o comportamento destrutivo do ser humano não seja justificado como algo “inato”, de tal forma a minimizar os atos de crueldade e o grau de destrutividade da humanidade. O que o autor defende é que podem existir condições promotoras de agressividade, assim é preponderante refletir criticamente sobre o homem em sua dimensão histórica e social.

Para Fromm (1975), é possível que indivíduos ou até mesmo grupos, uma vez que um grupo social participa de uma estrutura comum de caráter, nomeado de caráter social, podem aguardar ansiosamente ou até mesmo criar situações cujo intento é a expressão de sua própria destrutividade.

Moura (2016) explica que o ódio se torna um problema social quando o sentimento se transforma em manifestação da linguagem carregado do “estigma” (GOFFMAN, 1891) que fora produzido socialmente. O estigma para este autor está ligado a uma referência e atributo depreciativo.

Para Paulo Sérgio Rouanet (2003) a intolerância designa uma atitude de ódio sistemático e de agressividade irracional em relação à indivíduos ou grupos específicos, sua maneira de ser e existir, a seu estilo de vida, suas crenças e convicções. Pode-se observar intolerância em diversas manifestações, sejam elas de caráter religioso, nacional, racial, étnico etc.

O fenômeno da intolerância era desconhecido na Antiguidade Clássica, época em que a religião se configurava politeísta. Todavia, após o advento do cristianismo, cuja revelação universal era a existência de um único Deus, opondo-se contundentemente ao até então vigente politeísmo. A partir do século XIII, na Idade Média, que as medidas de intolerância passaram a ser ativas, cuja sociedade era fundada na rejeição e exclusão (ROUANET, 2003).

Para Albino e Terêncio (2012) intolerância e preconceito são conceitos vizinhos. Há de se pensar em preconceito no que diz respeito às raízes psíquicas de uma atitude que, quando manifesta, surge como intolerância. “E não obstante ser a manifestação do preconceito individual, isso não equivale a dizer que suas raízes sejam puramente psicológicas – uma vez que ele surge no processo de socialização de cada sujeito” (ALBINO; TERÊNCIO, 2012, p. 10).

Assim, apesar de compreendermos acerca da natureza do ódio como inerente à constituição do sujeito, no próximo capítulo trataremos de aprofundar suas manifestações no campo digital.

## 7 INTOLERÂNCIA, DISCURSO DE ÓDIO E AS REDES ANTI-SOCIAIS

As mídias digitais, redes sociais, promoveram eficiência e trouxe comodidade à comunicação dos indivíduos, todavia o contato direto com as pessoas parece estar desaparecendo. A rigor o contato com o real têm se esvaziado, uma vez que é possível fazer quase tudo por meio da internet (HAN, 2018).

A comunicação digital empobrecida se torna cada dia mais sem rosto e sem corpo. A presença física do outro é completamente desprezada, as imagens das redes suplantam a necessidade deste corpo para além da tela (HAN, 2018; MOURA, 2016).

Esta nova modalidade de comunicação promove novas formas de convívio, apesar dos indivíduos estarem virtualmente num “lugar” chamado de “rede”, o que mais parece cômico, eles estão cada vez mais individualizados, ensimesmados e afastados uns dos outros (HAN, 2018).

Observa-se que as redes sociais são predominantemente feitas de imagens, e esta configuração é importante uma vez que é pela imagem que os discursos se intensificam e formam padrões reforçadores de estigmas (MOURA, 2016).

De acordo com Moura (2016, p. 38) “[...] as redes sociais são constituídas por atores sociais e suas conexões, desse modo, os sujeitos no mundo digital estariam em constante encontro com a alteridade, e esse encontro pode se demonstrar perturbador, violento e levar ao ódio [...]”.

Enquanto o estranho está à nossa frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente de outros que se encontram numa categoria em que pudesse ser - incluído, sendo, até, de uma espécie menos desejável - num caso extremo, uma pessoa completamente má, perigosa ou fraca. Assim, deixamos de considerá-lo criatura comum e total, reduzindo-o a uma pessoa estragada e diminuída (GOFFMAN, 1891, p. 06).

O encontro com a alteridade proporcionado pelas redes sociais é geralmente perturbador e violento. Todavia o ódio não é um problema uma vez que este faz parte da natureza humana, se torna um problema social quando o ódio deixa de ser somente um sentimento e passa a ser manifestado via linguagem (COIMBRA, 2013).

Em seu livro *Sociedade da transparência*, Han (2017) defende que a sociedade contemporânea está pautada na máxima da transparência. A exigência da transparência presentificada em todos os campos elimina a negatividade inerente às relações humanas. A transparência acelera, achata e transforma a sociedade em uma sociedade uniformizada e positiva, aniquilando toda a ambivalência, assimetria e reduzindo o sujeito a mero elemento de um sistema. É o abismo do igual, cuja negatividade da alteridade não é aceita, tudo o que é estranho, logo, o outro, é eliminado.

Com efeito, é através da linguagem que grupos se estruturam e interagem, estabelecendo normas, padrões e não obstante a ordem social. Ou seja, é através dos sistemas simbólicos, enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e conhecimento, que a violência simbólica é perpetrada, obviamente pelos grupos dominantes (BOURDIEU, 1989). Desta forma é possível caracterizar as redes sociais como sistemas simbólicos (BOURDIEU, 1989), uma vez que elas permitem que os indivíduos se expressem através de símbolos e signos, ou seja através da linguagem, sendo assim um campo passível do exercício do ódio e violência (COIMBRA, 2013).

O anonimato promovido pelas redes sociais, bem como a sensação de impunidade favorece os discursos de ódio e as manifestações de agressividade. Ademais, o individualismo e a clara resistência a alteridade, este outro que não eu mesmo ou a imagem que produzo de mim, também acaba por estimular a intolerância (MOURA, 2016).

Ainda pensando no exercício do ódio, é possível conceber a ideia de uma figura que ganha ao incitar o ódio nas redes sociais. Este indivíduo ao exercer discursos de ódio ganha visibilidade, popularidade e influência nas redes (COIMBRA, 2013). Isso porque o capital social (RECUERO, 2009, 2005), ou seja, este conjunto de valores concernentes às redes sociais acabam por promover o surgimento dos assim nomeados: *haters*.

O termo *hater* (em português, odiador) é originário do hip hop norte-americano, e está relacionado à expressão “haters gonna hate” (odiadores vão odiar), e é utilizado para categorizar o sujeito que fala mal dos outros através dos espaços de interação e conversação na

internet. Os *haters* sempre existiram, antes de se popularizarem na internet eles surgiam em reuniões [...] O *hater* expressa o ódio sem fundamento justificável. Ele quer ser temido e ouvido, e com o surgimento dos sites de redes sociais, ele ganhou voz e visibilidade, devido às características da rede (COIMBRA, 2013, p. 07).

É possível pensar que ao colher os frutos da incitação ao ódio e a violência promovida pelos *haters*, para além da visibilidade individual, o que pode ser articulado através da ideia de poder simbólico de Bourdieu (1989) é que ao se popularizar, o *hater* acaba se transformando em uma influência, ou seja, pode se tornar parte de uma classe com um discurso dominante e desta forma pode assim reconstruir a realidade, mesmo que esta esteja carregada de estigmas, preconceitos e ódio contra um grupo ou indivíduo específico.

Ademais, Boyd (2007) citada por Recuero (2009, p. 03-04) apresenta outras características das redes sociais que contribuem para a disseminação dos discursos de ódio e violência, bem como a sua consolidação, são estes:

- Persistência: esta característica refere-se à perenidade da informação na internet, podendo esta permanecer eternamente na rede.
- Capacidade de busca: refere-se à capacidade das redes de permitir a busca, bem como a rastreabilidade dos usuários e diversas outras informações.
- Replicabilidade: uma vez on-line a informação já não é possível controlar sua disseminação, elas podem ser replicadas sem qualquer discernimento e por qualquer usuário. Esta característica inclusive dificulta a identificação da autoria de determinados atos.
- Audiências invisíveis: é possível identificar nas redes a presença de usuários que nem sempre estão visíveis através da interação direta, são usuários que navegam pela internet sem se manifestar abertamente.

Outra característica que promove a disseminação de violências, cyberbullying e discursos de ódio é o anonimato, acima mencionado. Esta peculiaridade é devastadora para a vítima, uma vez que pode ser que a pessoa nunca saiba quem é o verdadeiro agressor. “A internet possibilita a criação de um escudo protetor para a

identidade de cada um e o cyberbullies utilizam-na em seu benefício” (FERNANDES, 2013, p. 11).

De acordo com a pesquisa documental decorrente do Dossiê Intolerâncias Visíveis e Invisíveis no mundo Digital, publicada no site Comunica que Muda (CQM) realizada em 2016 além do *hater*, há também o chamado *troll*, cujo intuito é a provocação, ou seja, a “[...] zoeira é fonte de prazer e divertimento pessoal [...]” (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2016, p. 10).

O Dossiê da Intolerância, iniciativa da Agência Nova/SB, foi uma pesquisa que monitorou, por meio da plataforma *Torabit*, as redes sociais: Facebook, Twitter e Instagram e alguns blogs e comentários em sites da internet. Durante o período de abril a junho de 2016 foram avaliadas 542.781 menções relativa às dez principais manifestações de intolerância, são estas: racismo, política, classe social, aparência, homofobia, deficiência, idade/geração, religiosa, misoginia e xenofobia (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2016).

**Quadro 1 – Ranking absoluto das menções negativas avaliadas na pesquisa do ano de 2016.**

<b>Tipo de manifestação de Intolerância:</b>	<b>Número de menções negativas:</b>
Política	273.752
Misoginia	79.484
Homofobia	53.126
Deficiência	40.801
Racismo	32.376
Aparência	27.989
Idade/Geração	14.502
Classe Social	11.256
Religiosa	7.361
Xenofobia	2.134

Fonte: Adaptado de Comunica que muda by Nova/SB, 2016

De todas as menções avaliadas na pesquisa, 542.781, abaixo segue o ranking em valores percentuais das menções que foram avaliadas e consideradas negativas.

**Quadro 2 – Ranking em valores percentuais das menções que foram consideradas negativas na pesquisa do ano de 2016.**

<b>Tipo de manifestação de Intolerância:</b>	<b>% das menções negativas por tipo:</b>
Racismo	97,6%
Política	97,4%
Classe Social	94,8%
Aparência	94,2%
Homofobia	93,9%
Deficiência	93,4%
Idade/Geração	92,3%
Religiosa	89,0%
Misoginia	88,0%
Xenofobia	84,8%

Fonte: Adaptado de Comunica que muda by Nova/SB, 2016

Ou seja, conforme mostra tabela adaptada acima, no caso do racismo, por exemplo, de todas as menções avaliadas no ciberespaço, 32.376, 97,6% eram menções negativas.

O Dossiê também foi realizado no ano seguinte, no período de julho a setembro de 2017, utilizando a mesma metodologia e foi possível capturar aproximadamente 215.907 mil menções. A esmagadora maioria das menções foram capturadas no Twitter, que representa mais de 98% do levantamento, em seguida o Instagram com 1,5%. Há de se mencionar que a maioria dos dados da rede social Facebook não são públicos, desta forma dificultando o levantamento (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2017; QUADRADO; FERREIRA, 2020).

De acordo com a agência a grande diferença na quantidade absoluta das menções refere-se à política. Foi observado uma queda brusca, de 273.752 em 2016 para 26.621 em 2017, o que pode sugerir certo cansaço para o debate político e muito provavelmente ligado ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff ocorrido em 2016 (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2016, 2017; QUADRADO; FERREIRA, 2020).

Apesar da quantidade de menções negativas em termos absolutos terem diminuído no ano de 2017, os percentuais permanecem majoritariamente negativos. Com a tabela abaixo é possível comparar o percentual de menções negativas das duas pesquisas realizadas, ano contra ano.

**Quadro 3 – Comparação entre os percentuais das menções que foram consideradas negativas de 2016 contra 2017.**

<b>Tipo de manifestação de Intolerância:</b>	<b>2016</b>	<b>2017</b>	<b>Variação em pontos percentuais</b>
Racismo	97,6%	85,6%	- 12,0%
Política	97,4%	79,8%	- 17,6%
Classe Social	94,8%	61,2%	- 33,6%
Aparência	94,2%	84,0%	- 10,2%
Homofobia	93,9%	59,4%	- 34,5%
Deficiência	93,4%	90,1%	- 3,3%
Idade/Geração	92,3%	98,4%	+ 6,1%
Religiosa	89,0%	91,2%	+ 2,2%
Misoginia	88,0%	74,1%	- 13,9%
Xenofobia	84,8%	50,3%	- 34,5%

Fonte: Adaptado de Comunica que muda by Nova/SB, 2016, 2017)

Conforme tabela, apesar dos altos índices de menções negativas em todos os tipos de manifestações de intolerância, é possível verificar que em determinados tipos apresentou-se melhora considerável. No caso das manifestações de homofobia, por exemplo, em que os comentários negativos passaram de 93,3% em 2016 para 59,40%, é possível verificar uma queda de 34,5%. Da mesma forma, aconteceram com a xenofobia e as manifestações de intolerância relativas à classe social, observando-se uma queda de 34,5% e 33,60% (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2016, 2017; QUADRADO; FERREIRA, 2020).

Em contrapartida, verificou-se um aumento de menções negativas para as manifestações de intolerância relativas à religião e idade/geração, com variação positiva de 2,2% e 6,1% respectivamente. Outro destaque em termos absolutos foi para menções negativas em relação às pessoas com deficiência, em 2016 foram 40.801 menções e em 2017 verificou-se 45.873 (COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB, 2016, 2017; QUADRADO; FERREIRA, 2020).

De acordo com Quadrado e Ferreira (2020) a violência possui dimensões culturais, mas não se limita a estas, ela multiplica-se via discursos e em ações. E o que se observa é a evidente a acentuada insensatez, falta de respeito, valores básicos

e incitação a diversos tipos de delitos e crimes que encontraram uma arena fértil nas redes.

Neste sentido, o próximo capítulo se ocupará de tratar da figura que emergiu neste cenário inóspito de ódio. O *hater*, que lucra, de diversas formas, ao destruir o outro.

## 8 EXTERIORIZAÇÃO DO “HATE” ATRAVÉS DA REDE

Optou-se por escolher a palavra exteriorização às palavras expressão, demonstração, manifestação ou quaisquer sinônimos. A intenção foi realçar a direção do vetor característico do ódio que estamos tratando neste trabalho. Sendo assim, há algo que se origina internamente e manifesta-se de diversas maneiras no exterior. Para tanto, o recorte feito é analisar a manifestação que é estabelecida através das redes sociais.

Com o intuito de ilustrar e em seguida analisar os discursos de ódio disseminados nas redes sociais foi utilizado uma reportagem exibida em 05 de setembro de 2021 no programa dominical Fantástico da Rede Globo de televisão. Com duração de 17 minutos e tema: Fantástico conversa com haters e quer saber: o que faz alguém perder tempo destilando ódio na internet? (FANTÁSTICO, 2021b). A entrevista completa se deu no podcast “Isso é Fantástico” com o tema: Haters: a máquina de ódio na internet, em formato de áudio, com duração de 40:11 minutos (FANTÁSTICO, 2021a), em que se discute a questão dos haters de forma mais ampla com a intenção de apresentar principalmente as consequências destes tipos de ataques de ódio na internet.

Durante a reportagem alguns artistas foram convidados e a lerem comentários agressivos e odiosos que receberam em suas redes sociais. Os nomes foram transcritos exatamente como aparece na reportagem e alguns comentários podem conter palavrões que não foram suprimidos na transcrição, são estes:

- João Luiz – “Cada dia que passa tenho mais ódio e nojo dessa tua cara de viado!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:26). “Gay seboso, cabelo de periquito, aberração. Um traste como tu, não pode viver” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 12:21).
- Preta Gil – “Ridícula, gorda, com esses peitos caídos, olha que povo sem noção!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:30). “Tá com cara parecendo uma panela de pressão, prestes a explodir” (FANTÁSTICO, 2021b, min 14:17).
- Carol Trentini – “Mas essa Carol Trentini é feia, puta merda!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:34). “Alguém avisa a Carol Trentini que ela tá doente” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 15:22).

- Luísa Sonza – “Só exhibe a porra da bunda, e a qualidade de áudio só melhora no volume zero!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:38). “Essa é a verdadeira Luísa Sonza, sem talento do caralho, gosta de aparecer e fazer merda” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 14:23).
- Fábio Porchat – “Eu odeio o Fábio Porchat, acho ele sem graça pra caralho, irritante, e se eu encontrasse ele na rua teria que me segurar muito para não mandar ele tomar no cú!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:43).
- Cleo – “Tem que levantar o corpo mesmo, porquê se abaixar cai tudo!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:52). “Que perna esburacada” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 15:05).
- Sarah Andrade – “Lixo, ordinária!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 00:57).
- Carmo Dalla Vecchia – “Vai à merda seu viado LGBT aqui no inferno. Se eu pudesse eu matava vocês, e quando eu tiver a chance eu vou fazer isso!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 01:00).
- Xuxa Meneguel – “Meu Deus! Como você está velha! Como você está acabada!” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 01:58).
- Gretchen – “É só ter dinheiro e reboco. Rebocar tudo jogando as peles fora”. “Como é difícil a pessoa não admitir que envelheceu”. “Toda mulher que fica com homem mais novo quer ser garotinha”. “Nossa tá apelando hein...falta de shows” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 03:45).
- Rafa Kalimann - “Tu me enjoa, cuspo na tua cara” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 14:27).
- Solange Almeida – “Haja reparo corporal nesse corpo, agora que comece o xingamento!”(FANTÁSTICO, 2021b, min. 14:32).

De acordo com Carlos Affonso Souza, diretor do Instituto de tecnologia e Sociedade (ITS) entrevistado por Renata Capucci, o discurso de ódio possui maior visibilidade nas redes sociais que faz com que essa prática seja retroalimentada, “odiar na Internet vira um bom negócio” (FANTÁSTICO, 2021b, min. 02:49).

Durante a reportagem a entrevistadora Renata Capucci explica que postou em suas redes sociais que buscava um *hater* que pudesse dar uma entrevista ao

fantástico. Foram selecionados um homem e uma mulher, ambos entre 20 e 30 anos, suas identidades foram preservadas durante a entrevista.

A seguir, transcrição entrevista Fantástico que se inicia no minuto 08:16:

Renata Capucci: “Eu escrevi nas redes sociais que eu estava em busca de “*Haters*” que topassem dar uma entrevista para o fantástico justamente para a gente descobrir o que leva alguém a odiar uma outra pessoa gratuitamente on-line. Para nossa surpresa, choveu *hater* querendo aparecer. Foram milhares de mensagens em diferentes plataformas, muita, muita gente se oferecendo par ser entrevistado. Nós escolhemos ouvir dois, um homem e uma mulher, ambos na faixa entre 20 e 30 anos.”

*Hater* Mulher: “Quando aparece no meu feed, alguma coisa que me chame atenção eu vou lá e comento.”

Renata Capucci: “Mas decidimos esconder os rostos deles para não jogar holofote sobre quem tem uma conduta que fere e que muitas vezes pode se configurar num crime.”

*Hater* Homem: “Eu falo palavras mesmo pejorativas... acontece uma coisa e eu fiquei com raiva aí eu pego aquele impulso e eu acabo falando coisas assim que não são legais de falar, entendeu. Só que a gente acaba se entretendo e se divertindo com aquilo.”

*Hater* Mulher: “Eu poderia ir lá e tentar fazer o bem, né?! Fazer uma crítica construtiva, mas eu acho mais divertido ser maldosa. Sarcasmo, irônico, debochado, maldoso...”

Renata Capucci: “E não se arrepende nunca?”

*Hater* Mulher: “Não!”

*Hater* Homem: “Vai ter gente que vai me ver como um doente... como um sociopata a palavra? Vai ter gente que vai ver como um palhaço, vai ter gente que vai me ver como uma pessoa que tá querendo atenção. Eu não vou ser hipócrita de dizer que eu vou parar de falar... Se o que eu digo te incomoda, o problema não tá em mim... tá em você que não aceita a verdade, tá?!”

Renata Capucci: “A sua verdade, né?”

*Hater* Homem: “A minha verdade.”

*Hater* Mulher: “Se ela ficar deprimida eu acho mais divertido ainda! (risos). Eu quero que ela sinta mesmo como é ruim ser o que ela é. Entendeu? Que ela sinta o meu ponto de vista.”

Renata Capucci: “No seu emprego, por exemplo, o seu empregador, ele sabe que você faz isso na internet?”

*Hater* Mulher: “Sabe, com certeza! Elas até acham engraçado.”

Renata Capucci: “E você não tem receio, assim, de uma consequência que isso possa trazer para você?”

*Hater* Mulher: “Não... Não tem nada que possa acontecer assim demais, assim comigo.”

Ainda na reportagem, Fabiano Machado da Rosa, advogado entrevistado, divide em dois grupos os *haters*, existem o profissional e o amador. Sendo o primeiro conhecedor da tecnologia cibernética e o segundo seria uma pessoa comum que acredita que estar atrás de uma tela de computador o confere total anonimato para a produção ou reprodução dos discursos de ódio (FANTÁSTICO, 2021b).

Estes indivíduos, os *haters*, empenham-se a expor publicamente outros indivíduos que não pertencem ao mesmo grupo social que estão inseridos. As manifestações de ódio estabelecidas nas redes sociais se caracterizam por humilhações, preconceitos, cyberbullying e estigmas sociais (COIMBRA, 2013).

Ao analisar os discursos dos *Haters*, observa-se quase que caricaturalmente alguns conceitos que explicitaremos abaixo e mais adiante nos estenderemos a explicá-los.

“Eu falo palavras mesmo pejorativas... acontece uma coisa e eu fiquei com raiva aí eu pego aquele impulso e eu acabo falando coisas assim que não são legais de falar, entendeu” (FANTÁSTICO, 2021b). Este mecanismo de descarga de um excesso de tensão é a base para o desenho da estrutura do aparelho psíquico e existe na teoria de Freud (1950) desde seus primórdios no texto: *Projeto para uma psicologia científica*. Da mesma forma, Birman (2006, 2020) aponta que as novas formas de mal-

estar que comandam a sociedade contemporânea sugerem um alto nível de descarga pulsional presente, bem como um empobrecimento da capacidade simbólica do psiquismo.

Diferente das antigas modalidades de sofrimento, cujo mote era a oposição entre os imperativos pulsionais e as interdições morais, atualmente o mal-estar evidencia-se agora como dor, inscrevendo-se nos registros corpo, da ação e das intensidades. O pensamento e linguagem que ostentavam lugar importante na descrição do mal-estar antigamente, hoje tendem a desaparecer (BIRMAN, 2020).

A frase da Hater mulher: “Eu quero que ela sinta mesmo como é ruim ser o que ela é. Entendeu? Que ela sinta o meu ponto de vista” (FANTÁSTICO, 2021b) chancela a destruição da alteridade que ocorre cotidianamente nas redes sociais e evidencia o ódio que o sujeito narcísico possui de tudo que não é o si mesmo.

Ao tomar a fala do *Hater* Homem: “Se o que eu digo te incomoda, o problema não tá em mim... tá em você que não aceita a verdade, tá?!” (FANTÁSTICO, 2021b). Parece ser uma evidente manifestação do mecanismo de projeção. Ora, ao se deparar com algo que o sujeito não dá conta dentro de si, considerado insuportável para o eu, o processo é rejeitá-lo imediatamente. É possível notar o eu exacerbado, em que o sujeito concebe uma única verdade que é a própria de seu ser. Ao ser indagado pela entrevistadora que intervêm ao imputar uma dúvida de qual verdade se trataria, este sujeito cooptado pelo registro do imaginário, empobrecido pela absoluta certeza e mergulhado no profundo abismo de seu narcisismo, responde sem qualquer pudor: “a minha verdade!”.

Esta última e pequena sentença proferida pelo Hater Homem: “A minha verdade!” (FANTÁSTICO, 2021b) desnuda severamente o conceito de o narcisismo. O suposto lugar de onipotência que este indivíduo se vê, inclusive para se colocar agressivamente diante de outro, afirmando inclusive que “[...] eu não vou ser hipócrita de dizer que eu vou parar de falar [...]” (FANTÁSTICO, 2021b).

Para além deste exemplo, as outras frases transcritas no início da reportagem, em que são proferidos discursos de ódio, poderiam ser incluídos nesta articulação do ódio, oriunda da injunção do imaginário com o real, embasado no mecanismo de projeção.

Da mesma forma, no que toca o conceito de projeção, pode-se elucubrar que nesses ataques agressivos podem ser advindos de um movimento característico da histeria, calcado no processo de identificação histérica que atestam sua alienação subjetiva. Vale ressaltar ainda que todas as frases apontam para uma falta no outro, de cunho majoritariamente estético e sexual.

A despeito da articulação psicanalítica que foi utilizada para analisar as frases dos *haters*, fica evidente no discurso o claro sentimento de impunidade que o anonimato sustenta ao se tratar de uma rede social e uma agressão virtual. Apesar de suas consequências estarem longe de serem virtuais, assim como foi discutido no capítulo anterior.

O discurso dos *haters*, bem como a transcrição das frases de ódio mostradas na entrevista nos convoca a articular estes conceitos citados acima com mais vagar, apesar de compreender que estes conceitos não são os únicos que poderiam ser articulados ao discurso analisado.

Desta forma, os conceitos mencionados aparecerão nas páginas subsequentes divididos em dois subitens deste capítulo.

## 8.1 O ESPETÁCULO DO NARCISISMO, DA HISTERIA, DO ÓDIO – A SOCIEDADE

Em seu livro *Sociedade da transparência*, Han (2017) explica que

o sistema da transparência elimina toda a negatividade para acelerar a si mesmo, o demorar-se junto ao negativo se desvia e evita o precipitar-se vertiginoso no positivo. A sociedade positiva tampouco admite qualquer negativo. Desse modo, esquecemos como se lida com o sofrimento e a dor, esquecemos como dar-lhes forma (HAN, 2017, p. 18).

A sociedade positiva está sediada num local onde não há negatividade. Local este dito propositalmente, pois o que se trata de negatividade é o que tratamos na psicanálise por falta, um espaço vazio, uma fissura, por algo que nos falta primordialmente, nascemos com um “negativo” que se tudo correr bem, não será preenchido. A verdade é que “[...] o ser humano sequer é transparente para consigo mesmo” (HAN, 2017, p. 14).

Nossa psiquê é cindida, sequer é possível coincidir consigo mesmo, o que nos faz pensar que esta sociedade que o autor traz em seu livro, que achata e uniformiza a todos, é muito provável que seja uma das grandes engrenagens para tanto ódio. “O problemático não é o aumento das imagens em si, mas a coação icônica para tornar-se imagem” (HAN, 2017, p. 35). De tal forma que há um imperativo claro do que ser, de como ser, de como se parecer, do que fazer, como se portar, ou melhor, “se postar”, até finalmente se prostrar enquanto sujeito.

“É precisamente em virtude da falta de negatividade do verdadeiro que se dá a proliferação e massificação do positivo. A hiper informação e hiper comunicação gera precisamente a falta de verdade, sim, a falta do ser” (HAN, 2017, p. 25).

O fenômeno da temporalidade também é distorcido, tudo ocorre de forma presente e imediata, nesse sentido o autor ainda propõe que mídia digital pode ser considerada uma mídia de afetos, uma vez que pode ser percebido o despejo deliberado de emoções sem qualquer filtro (HAN, 2018).

A questão da temporalidade da internet é algo significativo a se pensar, embora a questão do tempo e espaço na internet pareça evidente, ora, o tempo é o presente e o espaço é o digital, a questão crucial é pensar na função entre esses dois elementos, ou seja, na velocidade. Na internet, nas redes, tudo é imediato, não há espera.

É possível transformar em realidade, mesmo que virtual, um pensamento, um desejo, uma curiosidade somente com um clique. A gratificação é imediata, a possibilidade de acessar instantaneamente qualquer conteúdo é irresistível. A linha entre o impulso, e desejo a ser realizado, seja ele de cunho sexual, intelectual ou de consumo e a ação é muito curta (KALLAS, 2016). A hiper aceleração é dada como obscena, uma vez que apesar do verbo utilizado indicar movimento, ela não é realmente móvel e tampouco nada leva adiante (HAN, 2017).

Não há sentido, não há vagar, não há distância, não há subjetividade e tampouco a fissura que nos é tão cara. Logo, devemos pensar que se não há fissura, o que está posto é o gozo, a completude, mesmo que esta venha de forma imaginária, virtual. As imagens perfeitas, retocadas com primor, cheias de filtros e vazias de

sentido, escancaram a completude amorfa da sociedade pornográfica da transparência, que pode ser também chamada da sociedade do espetáculo.

“[...] O espetáculo se apresenta como uma enorme positividade, indiscutível e inacessível. Não diz nada além de “*o que aparece é bom, o que é bom aparece*” [...]” (DEBORD, 1997, p. 16-17). Este espetáculo nada mais é que a representação de si mesmo, o que era antes vivido agora é representado. Nas redes o sujeito se apresenta ou se representa como ele gostaria de ser, ou deveria ser perante todos. As pessoas reais se tornam imagens e as imagens tornam-se reais.

Assim, há um imperativo do exibicionismo e admite-se também pensar em seu oposto, o voyeurismo. Ora, nada mais caricato do que ver e ser visto nas redes sociais. Todavia há de se fazer uma pontuação neste momento que neste trabalho não trataremos especificamente os termos exibicionismo e voyerismo articulados à psicanálise, no que tange uma elucidação estrutural.

Desta forma, tudo vai sendo transformado em mercadoria, o valor cultural vai se esvanecendo em favor do valor expositivo (HAN, 2017). Para além das redes, é preciso compreender que este modo de funcionamento constitui o modelo atual dominante na sociedade, e será tratado no subitem a seguir.

Debord (DEBORD, 1997) vai apresentar que houve uma passagem significativa da sociedade que antes intentava “o ser”, passou então ao “ter”. Passagem esta que podemos inclusive fazer uma articulação psicanalítica sobre a constituição subjetiva do sujeito, em que ele precisa abdicar de “ser o falo” para seguir seu caminho neurótico e “ter o falo”. Todavia o autor vai adicionar uma segunda passagem, em verdade, perigosíssima, do “ter” para o “parecer”. Assim, o sujeito, ao que parece, adicionaria um jogo inevitável de palavras, ao que “perece”, só conseguiria se satisfazer com o parecer.

Da mesma forma, Han (2017) explicita que a sociedade da transparência, estabiliza o sistema existente de forma muito efetiva, ela simplesmente confirma e otimiza o que já existe. Não há crítica, e se não há crítica, o *status quo* seguirá inalterado. Com efeito, há de se considerar uma despolitização total dos espaços.

“[...] O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediada por imagens [...]” (DEBORD, 1997, p. 14). Só se tem valor, se for

visto, ou na linguagem digital, se for “visualizado”. A experiência só é válida, ou melhor, validada, se ela for compartilhada, registrada e necessariamente “curtida” pelo outro. As fotografias que antigamente guardavam em si o tempo, e envelheciam assim como os que foram fotografados, extinguiram-se. As fotografias digitais viraram *self*, e convenhamos, nada mais narcísico que isso. “[...] O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo [...]” (DEBORD, 1997, p. 17).

“[...] O destino não é transparente, e à fotográfica transparente falta o adensamento semântico e atemporal. Assim, ela não fala [...]” (Han, 2017, p. 31). Desta forma, há de se pensar que o que está posto na sociedade transparente de Han, bem como a sociedade do espetáculo de Debord é a constatação do empobrecimento do simbólico e a evidente prevalência do imaginário. “O digital submete a tríade lacaniana do real, do imaginário e do simbólico a uma reconstrução radical. Ele desconstrói o real e totaliza o imaginário [...]” (HAN, 2018, p. 44-45).

A famosa tríade lacaniana composta pelos três registros, real simbólico e imaginário aparece desde 1953, em seu trabalho: O simbólico, o imaginário e o real. “[...] Três registros bem distintos que são, efetivamente, os registros essenciais da realidade humana e que se chamam simbólico, imaginário e real [...]” (LACAN, 2005a, p. 12). Há de se fazer uma consideração importante que neste primeiro momento há uma evidente primazia do simbólico. Todavia o trabalho teórico de Lacan vai desenvolvendo-se em direção ao real, que para ele, o real vai então constituir a base da estrutura do sujeito falante (JORGE, 2005).

Lacan em *Os escritos técnicos de Freud* (1986) afirma que há três paixões fundamentais: o amor, o ódio e a ignorância. Neste momento Lacan ainda não concebia a articulação borromeana dos três registros como indissolúvel, neste caso ele propôs articulações parciais. “[...] Na junção do simbólico e o do imaginário, essa fenda, se vocês quiserem, essa aresta, que se chama o amor – na junção do imaginário e do real, o ódio – na junção do real e do simbólico, a ignorância [...]” (LACAN, 1986, p. 309).

O que ocorre no amor é que o registro do real é suprimido, uma vez que no amor há uma produção de sentido em que o não-senso do real se torna insuportável, na ignorância o que ocorre é a eliminação do imaginário, de tal forma que a falta de sentido é radical, não há certeza alguma. Nesta junção do registro do simbólico, que

em cujo encontra-se a dialética, a dúvida, a questão, com o real que é o esvaziamento da resposta, o sujeito atém-se somente à interrogação (JORGE, 2005).

Já a inflação do imaginário advém da incapacidade de mediação simbólica com o real, resultando no puro ódio. A rigor, na paixão pelo ódio, o registro do simbólico é eliminado, assim como na agressão e na guerra em que falham os tratados e pactos. O simbólico não opera quando o sujeito está tomado pela cólera, só há a absoluta falta, ou a absoluta certeza. Na impossibilidade do significante, há então o triunfo do significado (JORGE, 2005; ROSA; ALENCAR; MARTINS, 2018).

É possível pensar no ódio nas redes sociais nesse sentido de exclusão que a ausência do simbólico causa, ou um ou outro, dessa forma absoluta. Não há crítica, dialética, ou qualquer ferramental em que possa se instaurar a dúvida. Não há espaço, brecha, ou como citado acima, fissura, onde há a possibilidade de verter alguma negatividade, ou de melhor forma, possibilidade.

O ódio estabelece a euforia da certeza e a aparente disjunção às identificações com o semelhante, este ódio promove uma falsa autonomia do sujeito em relação ao Outro. O ódio perfaz o sujeito onde ali havia uma barra, operando então o gozo. É desse império do ódio que se articula muito bem com a ignorância que a saída possível é a extinção do outro ao invés da experiência da alteridade que é promovida no encontro deste outro. “[...] Não se processa a operação de significação simbólica do que vem do Outro e a lei deixa de ser referência [...]” (ROSA; ALENCAR; MARTINS, 2018, p. 19).

As redes sociais produzem um espaço de proximidade absoluto onde elimina-se o fora. Dentro dessa rede o encontro com o outro já não é possível, o que ocorre é uma inflação do si-mesmo uma vez que a rede se estrutura e se alimenta do igual. Haja visto que as publicações são arbitrariamente organizadas para que o indivíduo veja algo que o agrada, dentro de sua zona de conforto. Este *modus operandi*, faz com que o público e o privado se misturem, e para além desta pouca distância entre essas duas instâncias o que é público vai se esvanecendo, e com isso a crítica pública também (HAN, 2018, 2017).

Usuários ensimesmados dentro de uma cadeia, fazendo referência ao panoptismo digital e que utopicamente é chamada de rede, inevitavelmente chegaremos no conceito de narcisismo.

Atualmente a sociedade organiza-se psicologicamente de tal forma que não há sentido nas interações fora da borda do si-mesmo.

A sociedade da intimidade elimina seus rituais, cerimoniais nos quais escapa de si, se perde. Nas experiências encontramos o outro, mas nas vivências, ao contrário, sempre encontramos a nós mesmos. O sujeito narcísico não pode colocar um limite a si mesmo, os limites de si mesmo desaparecem (SENNETT, 2008, apud HAN, 2017, p. 84).

A palavra narcisismo vem da referência de uma das mais conhecidas histórias da mitologia grega, *O mito de Narciso*. Referência máxima do amor pela imagem de si mesmo. O termo narcisismo surgiu pela primeira vez em 1910 quando Freud proferiu seu discurso psicanalítico para explicar a escolha objetal dos sujeitos homossexuais. Todavia, somente em 1914 que Freud introduz o conceito em seu texto *Introdução ao Narcisismo*, e o articula com os investimentos libidinais. É neste texto que Freud cunha um dos pilares de sua teoria, elucidando que a libido pode ser desinvestida dos objetos e reinvestida no ego, ou seja o ego é passível de receber investimento libidinal, em outras palavras ele também pode ser objeto de amor (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016).

Há de se apontar que para além do próprio investimento que o ego faz em si mesmo neste momento de constituição do eu, há um grande investimento, ou deveria haver, por parte dos pais para sustentar este suposto lugar de onipotência. O termo "*His majesty the Baby*", que significa em tradução livre *A majestade, o bebê*, Freud utilizou para designar este lugar que os pais colocam a criança, que nada mais seria do que a revivência do próprio narcisismo dos pais que um dia fora abandonado (FREUD, 2010d, p. 37).

Lacan (1998b) por sua vez vai estender este conceito e explanar que através do olhar especular da mãe e a identificação da criança à imagem junto ao espelho que fará com que aquele corpo fragmentado tome forma. Não somente isto, mas aqui está posto que é através do objeto olhar e da imagem que a criança vê refletida no espelho marcará toda a trajetória de seu desenvolvimento enquanto sujeito.

Há nisso uma espécie de encruzilhada estrutural onde devemos acomodar nosso pensamento, para compreender a natureza da agressividade no homem e sua relação com o formalismo de seu eu e de seus objetos. Essa relação erótica, em que o indivíduo humano se fixa numa imagem que o aliena em si mesmo, eis aí a energia e a forma donde se origina a organização passional que ele irá chamar de seu eu (LACAN, 1998b, p. 116).

Há este componente erótico, pois o sujeito em constituição se vê neste outro refletido uma imagem ideal, completamente narcísica, e para tanto faz um investimento libidinal nela com sua própria imagem. Contudo, também há este componente agressivo, pois se existe o eu e o outro, este outro pode então ocupar o seu lugar. Ou seja, “[...] é em termos de “você ou eu” que se desdobra a relação. A única saída vem a ser a destruição do outro [...]” (GUILLOT, 2014).

Ao revelar que é através de uma imagem, que o sujeito pode identificar-se enquanto um sujeito total, podemos articular então com a adicção dos sujeitos contemporâneos à sua imagem nas redes sociais como uma necessidade de reafirmar que são sujeitos totais e não fragmentados? E ao mesmo tempo reforçando este componente agressivo, visando a destruição do outro? Seria através das fotos, modificadas digitalmente para se aproximarem do “eu ideal” (FREUD, 2010d), que os sujeitos atuais se veem como sujeitos completos? É possível se perguntar que este olhar escópico da mãe seria reeditado no olhar público de todos aqueles que “curtem” estas imagens, e que fantasiosamente sustentam o saudoso lugar de onipotência?

O smartphone funciona como um espelho digital para a nova versão pós-infantil do estágio do espelho. Ele abre um espaço narcísico, uma esfera do imaginário na qual eu me tranco. Por meio do smartphone o outro não fala (HAN, 2018, p. 45).

Freud (2010e) já apontava que a fase entre o autoerotismo e a escolha objetal é normal e imprescindível, todavia ele apontou que algumas pessoas ficam retidas no narcisismo por um tempo extraordinariamente longo, persistindo em estágios posteriores ao desenvolvimento.

Ao conjecturar que as redes sociais inflamam o narcisismo de quem as utiliza e que o imperativo do eu se manifesta de forma impiedosa e adicionado ao que foi

exposto anteriormente que o lugar do outro na rede é um não lugar, pois apesar de chamar rede social, a alteridade é brutalizada. Há de se pensar no mecanismo de projeção, que trata-se da “[...] operação que o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele. Trata-se aqui de uma defesa de origem muito arcaica [...]” (LAPLANCHE; PONTALIS, 2016, p. 374).

Ao retomar o texto: *Instintos e seus Destinos*, bem no início do desenvolvimento do sujeito, o Eu acolhe em si os objetos que são oferecidos pelo exterior, introjetam-os se assim julgar fonte de prazer, e simultaneamente faz um movimento de expurgar de si o que se torna fonte de desprazer. De tal forma que “[...] o mundo externo se divide para ele em uma parte prazerosa, que incorporou em si, e um resto que lhe é estranho. Ele segregou uma parte integrante do próprio Eu, que lança ao mundo externo e percebe como inimiga [...]” (FREUD, 2010a, p. 75).

Ademais, em *A agressividade em psicanálise*, Lacan (LACAN, 1998b, p. 111) vai conjecturar algumas teses acerca da agressividade, uma delas diz que “[...] a agressividade é a tendência correlativa a um modo de identificação a que chamamos de narcísico, e que determina a estrutura formal do eu do homem e do registro de entidades característicos de seu mundo [...]”. É desta imagem refletida no espelho que o indivíduo ainda fragmentado vai se fixar e se alienar em si mesmo para a organização do eu. Para além disso, é decorrente dessa tensão conflitiva interna do sujeito que precipitará uma concorrência agressiva entre outro, eu e o objeto, rachando assim a imagem especular (LACAN, 1998b).

A rivalidade entre o eu e o outro é subjacente ao processo de identificação, portanto o conceito de identificação e agressividade estão intrinsecamente ligados. Há de se fazer uma diferenciação da agressividade e da violência, uma vez que a agressividade relacionada à relação imaginária com o outro não sustenta a totalidade de poder agressivo do ser humano (RINALDI, 2018).

“[...] A violência é de fato o que há de essencial na agressão, pelo menos no plano humano. Não é a fala, é até exatamente o contrário. O que pode produzir-se numa relação inter-humana são a violência ou a fala [...]” (LACAN, 1999, p. 471). Posto isso, há de se pensar na equação em que ao empobrecer a instância simbólica que medeia as relações humanas, a violência gradativamente avultará. Nas redes

sociais então, onde há a inflação do imaginário, em sua junção com real, em detrimento do simbólico, o que pode-se esperar é para além da agressividade inerente à relação imaginária dos seres humanos, a violência pura e franca.

Para Rinaldi (2018), as redes operam pelo princípio de identificação, os indivíduos compartilham as mesmas imagens e os mesmos signos. A primazia do imaginário, sem a sustentação do simbólico e o encobrimento da dimensão do real do outro, favorece a agressividade e o ódio.

Quando o real da diferença se apresenta, o espelho se parte, e na falta da função mediadora da fala, o que surge é a tentativa da eliminação da alteridade. [...] Sob o manto da “rede” pode-se dizer qualquer coisa, na tentativa de destruir o outro, caluniá-lo, sem responsabilização, nem compromisso com a verdade, porque a verdade passa a ser aquela que o número grande de pessoas “curtiu” e/ou repassou para seus “amigos” (RINALDI, 2018, p. 37).

Após levantarmos as questões sobre a inflação do imaginário, narcisismo, projeção, bem como o processo de identificação que estão intimamente imbricados com a agressividade, falta-nos perguntar o que há de histórico dentro das redes.

Um dos epicentros da problemática histórica é a passagem do ser para o ter. O histórico é aquele que se sente tolhido daquilo que brilha, que reluz, que lhe é caro, o falo, e que definitivamente não o tem. É então com este sentimento de que foi injustamente privado, que o histórico se volta para quem ele supostamente julga o ter. Desta forma o processo identificatório está no cerne da alienação histórica. A alienação trata-se deste movimento de identificar-se com um outro, tomando-o como “modelo”, este outro que apesar de também não ter o falo, o deseja, apresentando assim a resposta para a questão do desejo histórico. Todavia, o processo de identificação só avulta esta alienação (DOR, 1991).

Ao pensarmos nas redes sociais e articularmos com a identificação e consequentemente a alienação histórica, pode-se dizer que este processo ocorre massivamente, sem pudor. Ao olhar uma imagem perfeita, irretocável, brilhante, ou melhor, fálica, é evidente que o mecanismo identificatório da histeria iria operar, brilhantemente. Para além disso, é importante mencionar que os históricos são “militantes do ter” (DOR, 1991, p. 67), uma vez que sentem-se privados do falo, e este

sentimento o leva conseqüentemente a reivindicá-lo, o que o autor sugere como identificação militante.

Os processos identificatórios atestam o mais das vezes a alienação subjetiva do histérico em sua relação com o desejo do outro, especialmente sob a forma desta sujeição do desejo ao que se pode supor, pressentir, até previamente imaginar que seja o do outro. Esta sujeição, por excesso de imaginário, constitui um terreno favorável a todas as indústrias de sugestão (DOR, 1991, p. 70).

Parece evidente que as redes sociais encaixam-se perfeitamente nesta seara entre a sujeição e a sugestão. Embora este processo pareça caricato, a organização histórica complica-se, pois, apesar de se colocar como um objeto assujeitado, aguardando a sugestão deste outro, este outro precisa ter sido investido pelo histérico em um lugar privilegiado, o de “mestre” (LACAN, 1992b) para depois destituí-lo desde pedestal. “[...] Em outras palavras, quer um mestre sobre o qual ela reine. Ela reina, e ele não governa [...]” (LACAN, 1992b, p. 122). De tal forma que esta relação com este mestre seja sempre insatisfatória. Apesar de o outro estar neste suposto lugar privilegiado, ele sempre será duvidado, questionado e apontado como faltante, de tal forma que seu desejo também permaneça sempre insatisfeito. Ora, se o desejo do histérico é o desejo do outro, este outro como faltante, ele assim também o será.

A alienação do desejo do histérico no desejo do outro, e o movimento de se colocar como um objeto e ao mesmo tempo atacar o outro é facilmente observado nas redes. Não parece absurdo associar a posição histórica na busca por um mestre com os famigerados “seguidores” das redes sociais. Seguidores estes, que por vezes se abstraem de toda sua singularidade para se “[...] colocarem em cena, de preferência, como defensores incondicionais das ideias, convicções, das opções... do outro [...]” (DOR, 1991, p. 71).

Neste processo de identificação, oriundo da problemática da passagem do ser para o ter, o histérico acaba por privilegiar sua identificação com o ser. Trata-se então da tentativa incansável de ser o objeto ideal do outro, que nasce da insatisfação de nunca ter sido o falo daquele Outro (LACAN, 1998a). A busca por performar essa identidade ideal, é, “[...] antes de tudo, ordenado por essa identificação com o objeto ideal do desejo do Outro [...]” (DOR, 1991, p. 73).

Dor (1991) explica que esta identificação imaginária é também chamada de narcisismo fálico dos histéricos, que trata-se sobretudo de se oferecer ao olhar do Outro encarnando um objeto ideal. Esta feita é regada à sedução, sedução de fato, muito característica dos histéricos. A questão de se identificar imaginariamente com o falo não está ligada necessariamente a desejar este outro, desta forma tratando-se de uma questão narcísica.

Assim é possível alinhar este movimento histórico ao que Debord (1997) falou de deixar der “ter” e deslizar para o “parecer”.

A primeira fase da dominação da economia sobre a vida social acarretou, no modo de definir toda realização humana, uma evidente degradação do ser para o ter. A fase atual, em que a vida social está totalmente tomada pelos resultados acumulados da economia, leva a um deslizamento generalizado do ter para o parecer, do qual todo “ter” efetivo deve extrair seu prestígio imediato e sua função última. Ao mesmo tempo, toda realidade individual tornou-se social, diretamente dependente da força social, moldada por ela. Só lhe é permitido aparecer naquilo que ela não é (DEBORD, 1997, p. 18).

O caminho da articulação da psicanálise ao fenômeno contemporâneo das redes sociais só faz por evidenciar que esta ferramenta digital exacerba algo do bojo da constituição subjetiva de todos os seres humanos. O ódio, antecedente ao amor, que repulsa o outro, o imperativo do narcisismo, as manifestações históricas através da identificação fálica, a busca pela satisfação de ser visto ao expor-se pornograficamente nas redes e tantos outros nós que sustentam as redes sociais acabam por evidenciar algo que está posto para “além do princípio do prazer” (FREUD, 2010b).

## 8.2 DO GOZO – O CAPITAL. DO ÓDIO – A BANALIDADE

Ao tratarmos aqui sobre o ódio, violência, agressividade e suas manifestações contemporâneas sob a luz da psicanálise é preciso ainda lembrarmos do “mito da horda primitiva” (FREUD, 2012). Ora, Freud calca sua teoria num mito fundante da civilização cujo fato central é um homicídio, e não qualquer homicídio, trata-se de um parricídio. Desta forma, sendo possível fazer uma “[...] leitura mítica da agressividade [...]” (SECOTTE; DIONISIO, 2018, p. 247).

A infraestrutura lógica desse mito é o pai real, o pai tirano da horda primeva, aquele que é anterior à lei que enuncia a proibição e a castração. O pai real, não castrado, gozador, situa o gozo fora da lei, portanto, fora do significante, do discurso, da ordem simbólica (DIAS, 2008, p. 260).

Neste momento é preciso retomar o que Freud (2010c) nos revela *em Mal-estar na civilização* em que postula que o homem possui uma “tendência à agressão”, de tal forma que esta agressão, ligada intimamente à pulsão de morte, é inerente à sua existência.

Garcia-Roza (2008) afirma que pulsão de morte compreendida como pulsão de destruição, ou potência de destruição é de fato “a pulsão por excelência” (GARCIA-ROZA, 2008, p. 159). Uma vez que esta pulsão está para além da representação, ou como vimos até aqui então, localizando-se para além do princípio do prazer.

Entretanto é Lacan que faz a articulação desta “pulsão de morte” com a linguagem, e conseqüentemente com a cultura. Para Guillot (2014, p. 2), “[...] é a linguagem que faz do homem um animal desnaturado capaz de crueldade [...]”.

Guillot (2014) descreve a linha de pensamento de Lacan até chegar à esta conclusão. O autor explica que no início a agressividade tratava-se de algo que fora desenvolvido no registro do imaginário, decorrente da teoria do narcisismo e que fizemos referência no capítulo anterior. Em seguida a agressividade vai ser estabelecida com o registro simbólico e finalmente após a década de 60, é que Lacan vai abandonar a dicotomia da pulsão de vida e de pulsão de morte e estreitar o conceito de agressividade ao gozo, ou seja, ao real. “[...] O termo gozo torna-se então, o nome lacaniano da pulsão de morte freudiana [...]” (GUILLOT, 2014, p. 2).

Ao falar de gozo (LACAN, 1985), é preciso falar da repetição. A repetição funda-se no âmago do funcionamento pulsional, de tal forma que a repetição se dá na tentativa de encontrar aquela satisfação primeira, de reencontrar com aquele objeto que para sempre estará perdido. Este objeto é inatingível, por isso se dá a repetição. E este é o incontestável “objeto a” (LACAN, 2005b).

Lacan não abandonou nunca a pulsão de morte freudiana. Ao contrário, fez dela a pedra de sustentação do circuito pulsional. E

quando fez do gozo o problema maior com o qual cada um, seja neurótico ou psicótico, tem que se confrontar, pode-se dizer que inscreve a questão da pulsão de morte no coração mesmo de sua teoria e de sua concepção do tratamento. Porque, a partir de então, a pulsão de morte deverá ser tomada na relação particular, sempre singular, que o sujeito mantém com o gozo, com o objeto a que causa seu desejo (GUILLOT, 2014, p. 12).

Este imperativo da repetição em busca da satisfação acaba numa “[...] ultrapassagem do princípio do prazer [...]” (GUILLOT, 2014, p. 12), o que significa dizer que em toda a pulsão existe a possibilidade de transformar o prazer em gozo. Aqui é possível inclusive perceber a característica quantitativa do gozo, o que nos leva a pensar nos excessos, e no que toca este trabalho, excessos estes tão evidentes nas redes sociais.

O que se intenta pensar aqui acerca do conceito de gozo é refletir sobre esta busca de satisfação plena, de completude, da tentativa alienada e incansável de procura ao objeto que é tão manifesta quando obscena nas redes sociais. Tudo, ou “quase” (trataremos deste “quase” em seguida, no que toca a impossibilidade da totalidade do gozo) tudo é possível na internet, é possível performar uma nova vida, um novo rosto, um novo corpo, uma nova personalidade, ou melhor, um novo *self*.

Ora, está posto então que se trata da impossibilidade de se haver com a falta.

Apesar das redes sociais serem uma vitrine de objetos de desejo, lugar onde os sujeitos se servem indiscriminadamente de objetos diversos, sem qualquer intermediação simbólica, um após outro na tentativa, sempre frustrada, de tamponar esta falta.

É preciso estar reluzente, perfeito, completo nas redes, procura-se ter o falo, embora também seja preciso se “parecer” (DEBORD, 1997) com ele.

Há de pensar então que se não há falta, logo estamos tratando de gozo, aquele gozo que remete ao pai da horda primeva, ao gozo de ser completo e completar o Outro. O gozo totalizante. O gozo saudoso de um momento primitivo em que o sujeito era considerado o todo “sua majestade, o bebê” (FREUD, 2010d, p. 37).

Assim como o trauma que não cessa de se repetir na tentativa de se inscrever, este gozo do “*scroll* infinito” de uma tela plana, sem qualquer profundidade, pode ser também a tentativa vã de se dar contorno à uma angústia sem nome, que aliás, nunca tem nome. As redes sociais trata-se então muito provavelmente de um deserto de gozo.

Ademais, há de se pensar que as redes estariam à serviço de um discurso (LACAN, 1992a), ou prestam com demasiada perfeição um serviço à um discurso que na contemporaneidade nos acomete e é francamente reproduzido, de forma feroz.

No discurso capitalista os objetos oferecidos no mercado como descartáveis alimentam a falta de gozo de que se nutre a máquina capitalista, através da promessa de um gozo garantido. [...] o lugar da verdade é ocupado pelo significante do mestre moderno, o capital e sua promessa de gozo, faz com que o sujeito reste fixado nessa verdade, desconhecendo a sua divisão e atuando a ordem do mestre: goze, consuma! (RINALDI, 2018, p. 39).

Bastos (2010) explica que o discurso capitalista ao invés de reprimir o gozo, assim como ocorre no processo civilizatório, ele age exatamente em seu contrário, isto é, instigando a pulsão, sustentando assim a pulsão de morte. “[...] Ou seja, para além do mal-estar inerente à entrada do sujeito na linguagem, no capitalismo, a própria cultura, ao exigir que o sujeito goze ilimitadamente, promove mais mal-estar [...]” (BASTOS, 2010, p. 124).

O que o discurso capitalista promove é a ilusão de que se é possível obturar tal fissura oriunda da operação constitutiva do sujeito. Apesar desta fissura nos inaugurar enquanto sujeitos desejantes, ela também é o cerne do mal-estar. Mal-estar este que a sociedade contemporânea não parece ser capaz de aceitar, neste caso o discurso capitalista “preenche” adequadamente esta demanda, a demanda da recusa em se aceitar faltante. Desta forma, o discurso capitalista é tão sedutor quanto impossível, o que acaba promovendo ainda mais angústia. Ele não “[...] exige a renúncia pulsional, ao contrário, instiga a pulsão, impondo ao sujeito determinadas relações com a demanda, sem se dar conta de que, ao fazê-lo, sustenta, sobretudo e em primeira mão, a pulsão de morte [...]” (ALBERTI, 2000, apud RINALDI, 2018).

Onde há angústia, muito provavelmente haverá sintoma. Freud (2010f) explica que a formação sintomática aparece depois do desenvolvimento da angústia, de tal forma que os sintomas fossem claramente criados para evitar a irrupção do estado de angústia dos sujeitos.

Com efeito, não me parece absurdo sugerir que as redes sociais se enquadram aqui como uma “formação de compromisso” (FREUD, 2014), que funciona como uma tentativa de aplacar a angústia, embora cooptada pelo discurso capitalista, invariavelmente gerará mais angústia. Este ciclo, que se retroalimenta, então, jamais cessará de se perfazer.

As redes sociais, trazidas aqui como um sintoma contemporâneo engendram o compromisso de se fazer gozar, contudo essa possibilidade se dá num campo digital. Importante aqui se valer do significante “campo”, que propositalmente deve ser remetido aos campos de concentração ou de refugiados, onde não há possibilidade de se fazer sujeito, somente objeto.

Neste sentido, irretocavelmente Sontag (2003, p.69) nos diz:

“As fotos objetificam: transformam um fato ou uma pessoa em algo que se pode possuir. E as fotos são uma espécie de alquimia, a despeito de serem tão elogiadas como registros transparentes da realidade”.

Para além do consumo desenfreado dos objetos investidos como fálicos, há uma parte das redes sociais em que as fotos são a pura expressão do horror. Há um espetáculo do ódio, da dor. A dimensão ética e estética do que é postado nas redes foram completamente esvaziadas e há ainda a dinâmica do espetáculo pela destruição do outro, assim como nas manifestações de ódio apontadas nos capítulos anteriores.

Ainda, cooptado pelo discurso capitalista, inescrupulosamente o “campo” digital promove mais angústia, e não como prometera, a dissipa.

Goza! Eis o imperativo insensato e tirânico de gozo que se estabelece e que, obviamente, é gerador de mal-estar por ser impossível de ser atendido pelo sujeito ainda que atendesse a todos os ditames do capital. Ou seja, ainda que em seu matema o capitalismo pretenda apagar a dimensão do impossível, paradoxalmente, ele propõe ao

sujeito um gozo impossível, senão à custa de remetê-lo aos domínios da pulsão de morte. É para não ser dragado por ela, que o sujeito se aferra aos objetos fálicos e recorre à suplência imaginária para fazer face a esse empuxo mortífero (BASTOS, 2010, p. 125).

O discurso capitalista, diferente dos outros discursos não promove laço, mas a segregação, uma vez que não há relação entre o agente e o outro. Este discurso exclui o outro do laço social, pois o sujeito transformado a mero consumir só pode se relacionar com mercadorias, produzidos pelo saber científico e ordenados pela lógica do capital. Assim sendo, “[...] trata-se de um discurso sem lei, que obedece à lógica da foraclusão, daí ser paradoxalmente um discurso fora-do-discurso, onde não é possível o laço social, trata-se de “discurso excluído” [...]” (QUINET, 2009, p. 40).

Dentro deste percurso, é possível perceber a foraclusão da castração, ainda mais evidente nas redes sociais. Em outras palavras, a foraclusão do simbólico, assim como a proposição de Lacan (LACAN, 1986) ao conceber que o ódio poderia se tratar da junção do imaginário com o real, excluindo assim o registro simbólico. Com efeito, sem a mediação do simbólico, para além da já mencionada inflação do imaginário, há de se pensar no acachapante retorno do real.

“[...] A foraclusão da castração do discurso do capitalista nos indica que esse “laço” é louco, pois seu discurso é psicotizante na medida em que tira o sujeito de outros laços sociais [...]” (QUINET, 2009, p. 40). Isto posto, é preciso mencionar que frequentar este discurso capitalista não torna o sujeito um sujeito com psicose, todavia o que pode-se ponderar é que este mesmo sujeito busque uma suplência imaginária para os efeitos mortíferos do capitalismo. Desta forma, enfatizando o imaginário e promovendo a falência simbólica (BASTOS, 2010).

Na mesma direção, Melman (2003, p. 95) nos diz que “[...] o que hoje nos é oferecido é experimentar gozos diversos, explorar todas as situações. É esse o verdadeiro liberalismo, o liberalismo psíquico! No mercado, nos é proposto, como se isso fosse comum, participar de existências múltiplas [...]”

Ao nos voltarmos para a sociedade contemporânea e especificamente as redes sociais articulando esta temática ao gozo, é interessante mencionar o trabalho de Charles Melman (2003), livro configurado em uma entrevista realizada por Pierre Lebrun: *O homem sem gravidade*, em que propõe que a sociedade contemporânea

estaria marcadamente atravessada pelo excesso do gozo. “[...] Estamos lidando com uma mutação que nos faz passar de uma economia organizada pelo recalque a uma economia organizada pela exibição do gozo [...]” (MELMAN, 2003, p. 16).

O que intenta Melman (2003) é propor que a cultura antes calcada no recalque, conseqüentemente na neurose, parece estar se deslocando para uma cultura onde a perversão é promovida e generalizada. Lesourd (2006) citado por Lebrun (2008, p. 275) explica que “[...] a perversão, em seu sentido psicanalítico, é a maneira como o sujeito, num domínio preciso de sua relação com o semelhante, recusa, nega, desaprova a impossibilidade do gozo pleno e total [...]”.

Ao tratarmos aqui da perversão, é preciso citar a célebre frase de Freud (2016b, p. 63): “[...] a neurose é, digamos, o negativo da perversão [...]”, o que compreende que as fantasias conscientes dos sujeitos perversos, que em determinadas situações serão transformadas em ações, estão presentes em forma de fantasia no inconsciente dos sujeitos neuróticos ou também, como forma de um medo delirante no sujeito paranoico, ao projetar esta hostilidade no outro.

Não aprofundaremos esta seara entre a neurose e a perversão, onde estas estruturas se afinam ou não, mas talvez, seja preciso invocar Arendt (1999) e sua perturbadora teoria sobre a banalidade do mal:

O problema com Eichmann era exatamente que muitos eram como ele, e muitos não eram nem pervertidos, nem sádicos, mas eram e ainda são terrível e assustadoramente normais. Do ponto de vista de nossas instituições e de nossos padrões morais de julgamento, essa normalidade era muito mais apavorante do que todas as atrocidades juntas, pois implicava que [...] esse era um novo tipo de criminoso, efetivamente *hostis generis humani*, que comete seus crimes em circunstâncias que tornam praticamente impossível para ele saber ou sentir que está agindo de modo errado (ARENDDT, 1999, p. 299).

Neste momento em que Arendt (1999) escreve o icônico livro, em 1963-1964: *Eichmann em Jerusalém – Um relato sobre a banalidade do mal*, o mundo ainda não contava com o advento das redes sociais. Muito embora consigamos nos valer deste conceito ao nos depararmos com certas manifestações bárbaras de horror, ódio e violência. É preciso se perguntar o motivo pelo qual um sujeito se sente livre ao atacar

um outro, mesmo que esta violência seja virtual. Seria por que este sujeito não é capaz de classificar que esteja praticando o mal?

Ao nos fiarmos na alegação em que só alguém que é considerado “mau”, “um monstro” ou quaisquer desses adjetivos possam cometer atrocidades, sejam elas no campo da realidade ou do virtual, nos mobiliza a performar a segregação e uma inflação egóica nos distanciando da nossa realidade enquanto sujeitos repletos de ambivalências. Assim, como anteriormente explicitado, o narcisismo acaba por suscitar o ódio ao outro.

Apesar de não termos a intenção de aprofundarmos a estrutura perversa neste trabalho, talvez seja significativo retomar a provocação de Roudinesco (2008):

Embora vivamos num mundo em que a ciência ocupou o lugar da autoridade divina, o corpo o da alma, e o desvio o do mal, a perversão é sempre, queiramos ou não, sinônimo de perversidade. E, sejam quais forem seus aspectos, ela aponta sempre, como antigamente, mas por meio de novas metamorfoses, para uma espécie de negativo da liberdade: aniquilamento, desumanização, ódio, destruição, domínio, crueldade, gozo (ROUDINESCO, 2008, p. 11).

Por fim é preciso fazer o apontamento de que não foi o propósito deste trabalho reunir recursos para chegarmos à estrutura, por assim dizer, do sujeito contemporâneo. Mas estudar e refletir sobre as relações, nos laços, nos sintomas, nas dores, nas “impossibilidades” e mal-estares que estão postos na contemporaneidade.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”*  
(SARAMAGO, 1995)

Este trabalho se propôs a estudar o fenômeno contemporâneo do ódio nas redes sociais e suas implicações no laço social, atendo-se a este recorte justamente por uma necessidade. Todavia compreende-se que a rede social nada mais é que uma extensão das próprias relações contemporâneas experimentadas na realidade que são atravessadas e promovidas pelos discursos vigentes.

Embora o maior zelo deste trabalho se concentre nos capítulos em que a teoria psicanalítica foi articulada ao tema, foi preciso coletar dados atuais acerca da dimensão da internet e das redes sociais para que fosse compreendido a magnitude deste fenômeno que foi estudado. Atualmente, aproximadamente 59% da população mundial utiliza rede social, isso significa que existem mais de 4,7 bilhões de usuários em todo o mundo e este número segue crescendo ano após ano (DATAREPORTAL, 2022).

A internet, advento disruptivo da modernidade promoveu uma mudança no laço social (CASTELLS, 2003; RINALDI, 2018), o meio de comunicação e linguagem deslocaram-se em grande escala para o meio digital. As redes sociais que nasceram no bojo da comunicação virtual, promovem aproximações e paradoxalmente afastamentos na vida dos sujeitos contemporâneos. Assim como na realidade, este novo tipo de laço social também se concebe cheio de ambivalências.

Se para Castells (2003) a prática social se apropriou da internet com toda sua diversidade apesar de seus efeitos específicos é possível inferir que o mal-estar vigente na sociedade também se evidencia na internet, e principalmente, nas redes sociais. Neste sentido, foi preciso apresentar no quinto capítulo deste trabalho as consequências principalmente, mas não somente, psíquicas da utilização das redes sociais. Dentre diversas práticas que revelam o adoecimento dos sujeitos

contemporâneos, nos limitamos a estudar e refletir sobre o ódio e suas manifestações, principalmente discursivas.

Contudo, muito antes das redes sociais, o ódio sempre esteve presente nas relações entre os seres humanos, então, foi necessário investigar o germe do ódio e compreender que ele é próprio da constituição subjetiva dos sujeitos. No entanto, compreender que o ódio é inerente à constituição do sujeito não permite que agridamos ou violentemos outros, todavia as características das redes sociais, como o anonimato e a sensação de impunidade por exemplo, propiciam que estes ataques aconteçam.

Freud em *Os instintos e seus destinos* (2010a) nos apresenta com sua metapsicologia da agressividade e afirma que o ódio nasce muito antes do amor, que por sua vez é oriundo da indiferença. A partir de então, em seu percurso que tangenciara a agressividade, postula finalmente em 1920 sua teoria da pulsão de morte (FREUD, 2010b), aquilo que encontra-se além do princípio do prazer, que depois Lacan vai afinar este conceito ao da agressividade, tomando-o pelo nome de gozo (GUILLOT, 2014).

O caminho da articulação das manifestações de ódio à psicanálise perpassou por diversos conceitos, e alguns particulares da teoria lacaniana, como seguem: narcisismo, identificação, projeção, histeria, perversão, discurso capitalista e finalmente pelo campo do gozo. Gozo este desmedido que é francamente observado nas redes sociais.

Para além de uma representação da prática social, as redes sociais aparecem então como um sintoma contemporâneo, uma formação de compromisso na tentativa de se aplacar a angústia, que contraditoriamente gerará mais angústia, uma vez cooptada pelo discurso capitalista.

A compreensão do fenômeno do ódio à luz da psicanálise nos dá a dimensão da urgência de se tratar da ética. Para Quinet (2009), o mal-estar da civilização é sempre o mal-estar dos laços sociais, desta forma, há de se pensar se as redes sociais são produto e produtor do ódio, qual será a ressonância no laço social se não o próprio ódio? A aglutinação do gozo, visto de diversas formas nas redes sociais ao discurso

capitalista, nos convoca a refletir acerca da complexidade deste mal-estar contemporâneo.

Para Lacan (1992a) os discursos são as formas como as relações sociais são estabelecidas e os efeitos que elas produzem. Neste trabalho, nos atemos principalmente ao discurso capitalista que trata-se de uma “[...] modalidade degradada do discurso do mestre [...]”, característico da civilização científica que desestabiliza o laço social dominante na sociedade contemporânea (LACAN, 1974 apud ROSA, 2010, p. 2; LACAN, 1974 apud ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 38).

Nas palavras de Debord (1997, p. 20), “[...] o espetáculo é o discurso ininterrupto que a ordem atual faz a respeito de si mesma, seu monólogo laudatório. É o autorretrato do poder na época de sua gestão totalitária das condições de existência [...]”.

Em nosso percurso foi possível observar que as novas modalidades do mal-estar da contemporaneidade indicam que há um empobrecimento da simbolização e um alto nível de descarga pulsional (BIRMAN, 2006, 2020). O sujeito atravessado pelas estratégias e consequências do capitalismo e dos discursos que deste decorrem indicam o modo de laço constituído na cultura. Observa-se então um sujeito empurrado violentamente ao gozo, seja sob a forma de consumo e lucro, seja a de sofrimento (ROSA, 2010; ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006).

A sociedade regida pelo discurso capitalista se nutre pela fabricação da falta de gozo, produz sujeitos insaciáveis em sua demanda de consumo. Consumo de *gadgets* que essa mesma sociedade oferece como objetos do desejo. Promove assim uma nova economia libidinal. Por outro lado, ao colocar a mais-valia no lugar da causa do desejo, essa sociedade transforma cada um num explorador em potencial de seu semelhante para dele obter um lucro [...]. Nesse ciclo, o lugar da mais-valia coincide com o dos objetos de gozo - gozo prometido e não alcançável por estrutura [...] (QUINET, 1999, não paginado).

A rigor, este gozo sem limites, a qualquer custo, evidente nas redes sociais promove um esvaziamento da dimensão ética e também estética. Não há lei que sustente tais redes, há um espetáculo em que tudo é possível consumir, ou explorar

conforme palavras acima de Quinet (1999), inclusive o ódio. O espetáculo do ódio ficou evidente nos discursos dos *haters* trabalhados no capítulo oito. Desta forma, “[...] não basta o acesso aos bens. Visa-se a destruição do outro, germe das violências [...]” (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006, p. 40).

Todavia, as redes escancararam a banalidade dos discursos de ódio, e como rapidamente os indivíduos são consumidos como objetos. Bauman e Donskis (2014), explicam que para compreender o fenômeno da perda de sensibilidade, maldade e a falta de ética na modernidade líquida é preciso compreender o conceito de adiaforização da conduta humana, que refere-se a “[...] uma saída temporária de nossa própria zona de sensibilidade, a capacidade de não reagir, ou de reagir como se algo estivesse acontecendo não com pessoas, mas com objetos físicos, coisas, não seres humanos [...]” (BAUMAN; DONSKIS, 2014, p. 48).

Susan Sontag (2003), em seu livro: *Diante da dor dos outros* se pergunta se ainda nos importamos com a dor dos outros. A autora questiona o uso das imagens de horror usadas indiscriminadamente, bem como a natureza da guerra. Dada à quantidade de manifestações de ódio nas redes, há de se interrogar: ainda nos preocupamos com a dor dos outros? A autora reflete também se a percepção da realidade estaria alterada pelo exorbitante fluxo de imagens de horror.

Neste trabalho, para além das imagens, pode-se incluir nesta questão os discursos de horror, que hoje são tão amplamente disseminados. Ora, seriam estas imagens (ou discursos) capazes de nos insensibilizar ou incitar a violência? Ao nos valermos destes questionamentos o que está posto é a necessidade de criticarmos a realidade alienante que nos entranha. É urgente refletir e nos contrapor à normalização do ódio. Nas palavras cortantes da autora:

“[...] Nós não percebemos. Não podemos, na verdade, imaginar como é isso. Não podemos imaginar como é aterradora a guerra; e como ela se torna normal [...]” (SONTAG, 2003, p. 104).

Os discursos vigentes atravessam os sujeitos contemporâneos submetendo-os à realidade imposta, suspendendo assim os dilemas éticos. Este funcionamento que prescinde a ética, gera para além do mal-estar, violências. Neste sentido há de situar

os sujeitos e a ética como elementos indissociáveis para determinação de uma política que resista à instrumentalização do gozo (ROSA; CARIGNATO; BERTA, 2006).

O fenômeno do ódio nas redes sociais abordado aqui neste trabalho, apresentou-se de maneira complexa, assim como tudo que é demasiadamente humano. Para pensar nos sujeitos contemporâneos, bem como os laços que estão sendo estabelecidos, é preciso compreender a dimensão histórico-social constitutiva dos seres humanos. Ora, nos constituímos sob égide do olhar do Outro, e muito além do olhar, nos alienamos neste Outro.

“[...] O espetáculo na sociedade corresponde a uma fabricação concreta da alienação [...]” (DEBORD, 1997, p. 24).

Embora seja imprescindível compreender os mecanismos e efeitos dos discursos contemporâneos, ou seja, os laços sociais estabelecidos na sociedade moderna, é também preciso implicar-se, no singular, para que possamos assumir um lugar de sujeito e não de objeto nesta sociedade que produz, promove e lucra com tamanha alienação e evidentemente, o ódio.

Lacan, de forma provocativa e incômoda, em *A ciência e a verdade*: “[...] Por nossa posição de sujeito sempre somos responsáveis. Que chamem a isto como quiserem, terrorismo [...]” (LACAN, 1998c, p. 873).

Ainda é preciso evidenciar que a responsabilização do sujeito pelo seu gozo e desejo, este tratado em seu âmbito singular, com o intento de promover um descolamento desta alienação ao Outro, não pode de maneira alguma significar uma não implicação acerca das questões que devem ser tratadas também em âmbito social, como o ódio nas redes sociais, por exemplo. Uma vez que só é possível conceber um sujeito no laço social, “[...] na vida psíquica do ser individual, o Outro é via de regra considerado enquanto modelo, objeto, auxiliador e adversário, e, portanto, a psicologia individual é também, desde o início, psicologia social [...]” (FREUD, 2011c, p. 14).

Portanto os discursos que permeiam o laço social e promovem a manutenção do *status quo*, sendo assim, injustiças, preconceitos, violências e injúrias a determinados grupos precisam e devem ser discutidas e criticadas no contexto social para que assim haja qualquer mudança.

Embora estejamos imersos neste contexto um tanto odioso, após este longo estudo foi possível tecer ao menos um fio de esperança, atendo-se a um discurso que vai de encontro ao discurso capitalista e a esta colossal alienação, o discurso analítico.

Contra o imperativo do ter, a psicanálise propõe a ética da falta-a-ter, que se chama desejo, e a gestão, não do capital financeiro, mas do capital da libido, por definição sempre no negativo. Contra o imperativo da competitividade neoliberal, a ética da diferença (QUINET, 2009, p. 22).

Finalmente ao pensar no ódio como manifestação que permeia a cultura desde os primórdios da civilização, a proposição é nos valer da psicanálise como instrumento ético e político contra suas manifestações de destruição à alteridade, de gozo sem limites e alienação que emergem cotidianamente e faz eco em nosso psiquismo e corpo.

Esta articulação de resistência do discurso analítico ao discurso do capital pode e deve ser objeto de estudo para próximos trabalhos, com o intuito de contribuir para as bases de um futuro diferente, e ousado dizer, mais democrático.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, Priscilla Linhares; TERÊNCIO, Marlos Gonçalves. Considerações crítica sobre o fenômeno de bullying: do conceito ao combate e à prevenção. **Revista Eletrônica do CEAFA**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, mar. 2012.

ARENDDT, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** - Um relato sobre a banalidade do mal. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1999, 344 p.

BASTOS, Flávio Corrêa Pinto. **O discurso do capitalista e a cultura do mal-estar**. 2010. Dissertação (Mestrado em psicologia) — Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2010.

BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. Do diabo a pessoas assustadoramente normais e sensatas. In: BAUMAN, Zygmunt; DONSKIS, Leonidas. **Cegueira Moral** - a perda da sensibilidade na modernidade líquida. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2014. p. 25–63.

BERNARDO, Wanderley Marques; NOBRE, Moacyr Roberto Cuce; JATENE, Fábio Biscegli. A prática clínica baseada em evidências. Parte II - Buscando as evidências em fontes de informação. **Revista Associação Médica Brasileira**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 104–112, 2004.

BIANCHESSI, Cleber. **Nomofobia e a dependência tecnológica do estudante**. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2020 130 p.

BIRMAN, Joel. Arquivo da agressividade em psicanálise\*. **Natureza Humana**, [s./], v. 8, n. 2, p. 357–379, 2006.

BIRMAN, Joel. **O sujeito na contemporaneidade: espaço, dor e desalento na atualidade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2020.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida.; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121–136, ago. 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 1. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil S.A., 1989, 311 p.

BRANDÃO, Cleyton. Os discursos de ódio na cibercultura. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 9, n. 2, p. 63–68, ago. 2020.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso - desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem: Estudos e Pesquisas**, Catalão, v. 15, n. 1, 28 jun. 2013.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, R Regina. Pesquisa Qualitativa - análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto & Contexto Enfermagem**, Santa Catarina, v. 15, n. 4, p. 679–684, 2006.

CARPIM, Stella Mara. **A era do exibicionismo digital: o sentido da proliferação da Selfie nas redes sociais**. 2014. Monografia (Especialização em comunicação digital) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COIMBRA, Michele Paschoal. **O discurso do ódio nos sites de redes sociais: o universo dos haters no caso #eunãomereçoserestuprada**. 2013. Monografia (Especialização em cultura digital e redes sociais) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, 2013.

COMITÊ GESTOR DA INTERNET NO BRASI. **Cresce o uso de Internet durante a pandemia e número de usuários no Brasil chega a 152 milhões, é o que aponta pesquisa do Cetic.br**. [s.], 2021. Disponível em: <<https://www.cgi.br/noticia/releases/cresce-o-uso-de-internet-durante-a-pandemia-e-numero-de-usuarios-no-brasil-chega-a-152-milhoes-e-o-que-aponta-pesquisa-do-cetic-br/>>. Acesso em: 1 abr. 2022.

DATAREPORTAL. **Digital 2022: July global statshot report**. [s.], 2022. Disponível em: <<https://datareportal.com/reports/digital-2022-july-global-statshot>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. 1. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997, 237 p.

DIAS, Maria das Graças Leite Villela. Do gozo fálico ao gozo do Outro. **Ágora**, Rio de Janeiro, v. XI, n. 2, p. 253–266, dez. 2008.

DOR, J. **Estruturas e clínica psicanalítica**. 1. ed. Rio de Janeiro: Taurus-Timbre, 1991, 124 p.

FANTÁSTICO. **Isso é fantástico - Haters: a máquina de ódio na internet**. Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 5 set. 2021a.

FANTÁSTICO. **Fantástico conversa com haters e quer saber: o que faz alguém perder tempo destilando ódio na internet?** Rio de Janeiro: Rede Globo de Televisão, 5 set. 2021b.

FERNANDES, Filipa Andreia Medeiros. **Comportamentos de cyberbullying na adolescência: frequência, caracterização e sua relação com a comparação social**. 2013. Dissertação (Mestrado em psicologia) – Instituto Superior Miguel Torga - Coimbra, 2013.

FERREIRA, Taiza Ramos de Souza Costa; DESLANDES, Suely Ferreira. Cyberbullying: conceituações, dinâmicas, personagens e implicações à saúde. **Ciência e Saúde Coletiva**, [s.], v. 23, n. 10, p. 3369–3379, 1 out. 2018.

FOUCAULT, Michael. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 20. ed. Petrópolis: Vozes, 1987, 288 p.

FREUD, Sigmund. Projeto para uma psicologia científica. *In: Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos*. 1. ed. São Paulo: Imago, 1950. v. 1p. 212–297.

FREUD, Sigmund. Os instintos e seus destinos. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010a. v. 12. p. 51–81.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010b. v. 14. p. 161–240.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010c. v. 18. p. 13–124.

FREUD, Sigmund. Introdução ao narcisismo. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010d. v. 12. p. 13–51.

FREUD, Sigmund. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia (“O caso Schreber”). *In: Sigmund Freud, Obras Completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010e. v. 10. p. 13–108.

FREUD, Sigmund. Novas conferências introdutórias à psicanálise - Angústia e instintos. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010f. v. 18. p. 224–263.

FREUD, Sigmund. O eu e o Id. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011a. v. 16. p. 13–75.

FREUD, Sigmund. O problema econômico do masoquismo. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011b. v. 16. p. 184–203.

FREUD, Sigmund. Psicologia das massas e análise do eu. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2011c. v. 15. p. 13–114.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11. p. 13–244.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17. p. 13–123.

FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016a. v. 2. p. 14–358.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *In: Sigmund Freud, Obras completas*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2016b. v. 6. p. 13–173.

FROMM, Erich. **Anatomia da destrutividade humana**. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes. 1975.

GARCIA, Ana Rita Marques. **O Uso da Internet, o Bullying, o Cyberbullying e o Suporte Social em jovens do 3o Ciclo-Um Estudo não Experimental Correlacional realizado numa Escola Portuguesa**. 2016. Dissertação (Mestrado em psicologia) -Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, 2016.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo. Pulsão. *In: Artigos de metapsicologia, 1914-1917: narcisismo, pulsão, recalque, inconsciente*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. p. 79–163.

GOFFMAN, Erving. **Estigma - notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

GUILLOT, Éric. Da agressividade à pulsão de morte. **Almanaque On-Line - Instituto de psicanálise e saúde mental de Minas Gerais**, [s.l.], v. 8, n. 14, p. 1–20, jun. 2014.

HAN, Byung Chul. **No exame: perspectivas do digital**. 1. ed. Petropolis: Vozes, 2018.

HAN, Byung Chul. **Sociedade da transparência**. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. 3. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

JORGE, Marco Antonio Coutinho. **Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar. 2005. v. 1.

KALLAS, Marília Brandão Lemos de Moraes. O sujeito contemporâneo, mundo virtual e a psicanálise. **Reverso**, Belo Horizonte: v. 38, n. 71, p. 55–64, 1 jun. 2016.

LACAN, Jacques. Do gozo. *In: O seminário, Livro 20, Mais, ainda*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1985. v. 20. p. 9–21.

LACAN, Jacques. A verdade surge da equivocação. *In: O seminário, Livro 1, Os escritos técnicos de Freud*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1986. v.1. p. 297-311.

LACAN, Jacques. **O Seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar. 1992. v. 17.

LACAN, Jacques. Para além do complexo de Édipo. *In: O seminário, Livro 17, O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar, 1992b. p. 81–135.

LACAN, Jacques. O estádio do espelho como formador da função do eu. *In: Escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar 1998. p. 93–100.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. *In: Escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998b. p. 101–124.

LACAN, Jacques. A ciência e a verdade. *In: Escritos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998c. p. 869–893.

LACAN, Jacques. Os circuitos do desejo. *In: O seminário, Livro 5, As formações do inconsciente*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. v. 5p. 468–484.

LACAN, Jacques. O simbólico, o imaginário e o real. *In: Nomes-do-pai*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005a. p. 9–55.

LACAN, Jacques. A causa do desejo. *In: O seminário, Livro 10, A angústia*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2005b. p. 113–127.

LAPLANCHE, Jean; PONTALIS, Jean Bertrand. **Vocabulário de psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2016. 552 p.

LEBRUN, Jean Pierre. **A perversão comum: viver juntos sem outro**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008. 355 p.

LINO, Wescley de Novaes; SARTI, Milena Maria. **Mídias sociais e a subjetividade em caracteres**. [s.l.: s.n.] 2019.

LIRA, Ariana Galhardi *et al.* Uso de redes sociais, influência da mídia e insatisfação com a imagem corporal de adolescentes brasileiras. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. São Paulo, v. 66, n. 3, p. 164–171, 1 jul. 2017.

LÓSS, Juliana da Conceição Sampaio *et al.* Implicações psíquicas ocasionadas pelo uso excessivo das redes sociais digitais e internet. *In: Principais transtornos psíquicos da contemporaneidade*. Campos de Goytacazes: Brasil Multicultural, 2019. v. 2p. 1–196.

MACEDO, Karen Tank Mercuri. Conflitos sociais contemporâneos - possíveis causas e consequências dos linchamentos virtuais. **Revista Humanidades e Inovação**, Campinas, v. 5, n. 4, p. 197–208, 2018.

MARX, Karl.; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 1846. 189 p.

MELMAN, Charles. **O homem sem gravidade: gozar a qualquer preço**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003. 211 p.

ÓDIO *In: Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa*. 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/%C3%B3dio/>>. Acesso em: 2 abr. 2022.

MOURA, Marco Aurélio. **O Discurso do Ódio em Redes Sociais**. 1. ed. São Paulo: Lura Editorial, 2016. 156 p.

COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB. **Dossiê: Intolerâncias visíveis e invisíveis no mundo digital**. [s.l.], 2016. Disponível em: <<https://www.comunicaquemuda.com.br/dossie/intolerancia-no-brasil/>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

COMUNICA QUE MUDA BY NOVA/SB. **Dossiê: Intolerância 2017**. [s.l.], 2017. Disponível em: <<https://dossie.comunicaquemuda.com.br/intolerancia2017/1-introducao/>>. Acesso em: 8 ago. 2022.

ONU. **Information Economy Report 2017: Digitalization, Trade and Development**. [s.l.], 2017. Disponível em: <[chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Functad.org%2Fsystem%2Ffiles%2Fofficial-document%2Fier2017\\_en.pdf&clen=3877091&chunk=true](chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Functad.org%2Fsystem%2Ffiles%2Fofficial-document%2Fier2017_en.pdf&clen=3877091&chunk=true)>. Acesso em: 27 mar. 2022.

PICON, Felipe *et al.* Precisamos falar sobre tecnologia: caracterizando clinicamente os subtipos de dependência de tecnologia. **Revista Brasileira de Psicoterapia**, [s.l.], v. 17, n. 2, p. 44–60, 1 ago. 2015.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2. ed. Novo Hamburgo: Universidade Feevale, 2013. 277p.

QUADRADO, Jaqueline Carvalho; FERREIRA, Ewerton da Silva. Ódio e intolerância nas redes sociais digitais. **Revista Katálysis**, Florianópolis: v. 23, n. 3, p. 419–428, dez. 2020.

QUINET, Antônio. **A ciência psiquiátrica nos discursos da contemporaneidade**. Estados gerais da psicanálise, 1999. Disponível em: [http://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a\\_ciencia.shtml](http://egp.dreamhosters.com/EGP/161-a_ciencia.shtml). Acesso em: 15 ago. 2022.

QUINET, Antônio. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009. 237 p.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet, difusão de informação e jornalismo: Elementos para discussão**. [s.l.] 2009. Disponível em: <<http://www.trezentos.blog.br/>>. Acesso em: 25 ago. 2022.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet: considerações iniciais**. E Compós, v.2. p.1 -17. 2005.

RINALDI, Doris. O discurso do ódio, paixão contemporânea. *In*: ROSA, Miriam Debieux; COSTA, Ana Maria Medeiros da; PRUDENTE, Sérgio. **As escritas do ódio: Psicanálise e Política**. São Paulo: Escuta/Fapesp, 2018. p. 33–42.

ROSA, Miriam Debieux. Viver em tempos sombrios: do gozo à experiência compartilhada. **Revista Leitura Flutuante**. [s.l.] v. 2, p. 1–13, 2010.

ROSA, Miriam Debieux; ALENCAR, Sandra.; MARTINS, Raonna. Licença para odiar: uma questão para a psicanálise e a política. *In*: ROSA, Miriam Debieux; COSTA, Ana Maria Medeiros da; PRUDENTE, Sérgio. **As escritas do ódio: psicanálise e política**. São Paulo: Fapesp/Escuta, 2018. p. 15–33.

ROSA, Miriam Debieux; CARIGNATO, Taeco Toma; BERTA, Sandra Letícia. Ética e política: a psicanálise diante da realidade, dos ideais e das violências contemporâneas. **Ágora**, Rio de Janeiro: v. IX, n. 1, p. 35–48, 2006.

ROUANET, Sérgio Paulo. O Eros das diferenças. **Folha de São Paulo**, 9 fev. 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0902200307.htm>. Acesso em: 15 ago. 2022.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A parte obscura de nós mesmos** - Uma história dos perversos. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 222p.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 210 p.

SECOTTE, Guilherme; DIONISIO, Gustavo Henrique. Pulsão de morte e agressividade no campo de Freud-Lacan. **Analytica**, São João del-Rei: v. 7, n. 13, p. 238–258, dez. 2018.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 1. ed. São Paulo: Cortez. 2013. 195 p.

SONTAG, Susan. **Diante da dor dos outros**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 107 p.

SOUZA, Karlla.; CUNHA, Mônica Ximenes Carneiro da. Impactos do uso das redes sociais virtuais na saúde mental dos adolescentes: uma revisão sistemática da literatura. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, Alagoas: v. 3, n. 3, p. 204–2017, 26 dez. 2019.

TEIXEIRA, Irenides *et al.* Nomofobia: os impactos psíquicos do uso abusivo das tecnologias digitais em jovens universitários. **Revista Observatório**, Palmas: v. 5, n. 5, p. 209–240, 1 ago. 2019.

THE ECONOMIST. **How heavy use of social media is linked to mental illness**. Britain, 2018 Disponível em: <<https://www.economist.com/graphic-detail/2018/05/18/how-heavy-use-of-social-media-is-linked-to-mental-illness?fsrc=scn/tw/te/bl/ed/?fsrc=scn/tw/te/bl/ed/howheavyuseofsocialmediaislinkedtomentallillnessdailychart>>. Acesso em: 12 ago. 2022.

TRINDADE, Joana Manuela Pires. **Engenharias Um Romance Moderno: O Relacionamento entre marca e consumidores das gerações Y e Z com as novas estratégias de fidelidade**. Dissertação (Mestrado em branding e design de moda) - Universidade da Beira Interior, Lisboa, 2018.

UNESP. **TIPOS DE REVISÃO DE LITERATURA**. Faculdade de Ciências Agrônômicas de Botucatu, 2015.